Heloisa Pontes

AUTORIZADO o fornecimento de
cópias da tese a interessados.

DESTINOS MISTOS:
O GRUPO CLIMA NO SISTEMA CULTURAL PAULISTA (1940-1968)

TOMBO: 113757
SBD-FFLCH-USP
SBD/FFLCH

Tese de doutoramento defendida no Programa
de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
sob a orientação da Profa. Dra. Maria Arminda
do Nascimento Arruda.

São Paulo

1996

Introdução

"Criticos, criticos e mais criticos"[1], tais foram as palavras utilizadas por Antonio Candido, em 1943, para definir a sua geração e, indiretamente, o círculo de intelectuais a que ele pertencia na época: o "grupo Clima", formado no final de 1938 por jovens estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, unidos por fortes laços de amizade e por uma intensa sociabilidade em comum. Desse círculo faziam parte Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Ruy Galvão de Andrada Coelho, Gilda de Mello e Souza, entre outros. Juntos lançaram-se no sistema cultural paulista por meio de uma modalidade específica de trabalho intelectual: a crítica aplicada ao teatro, cinema, literatura e artes plásticas.

No início dos anos 40, segundo Antonio Candido, todos tinham "*em preparo um trabalho de história, ou de sociologia, ou de estética ou de filosofia, como os maiores (da geração anterior) tinham romances. E todos começam pelo artigo de crítica, como os seus maiores começavam pela poesia. E são críticos e estudiosos 'puros', no sentido de que, neles, dominará sempre esse tipo de atividade.* ***Não creio que haja em nossa geração destinos mistos****, como o de Octavio de Faria, o de Afonso Arinos Sobrinho, na geração anterior, ou de Mário de Andrade, de Plínio Salgado, de Cassiano Ricardo, na geração dos novos. Será que isso é bom ou será que é ruim? Não sei. Não quero nem posso julgar. Basta-me constatar*"[2].

Como produtos do novo sistema de produção intelectual implantado na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, por intermédio dos professores estrangeiros (franceses, em particular), Antonio Candido e seus amigos mais próximos do "grupo Clima" renovaram a tradição ensaística do pensamento social brasileiro. Como críticos "puros", romperam com a concepção de trabalho e com o padrão de carreira da geração anterior (que tinha um pé na literatura e outro na doutrina política). Como intelectuais, diferenciaram-se dos modernistas e dos cientistas sociais com os quais conviveram na Universidade de São Paulo.

---

[1] Cf. Antonio Candido, "Depoimento", **Plataforma da Nova Geração**, Mário Neme (org.), Porto Alegre, Globo, 1945, p.[illegible]

[2] Idem, pp.34-35, grifos meus.

Situados entre os literatos, os modernistas, os jornalistas polígrafos e os cientistas sociais, construíram seu espaço de atuação por meio da crítica, exercida em moldes ensaísticos mas pautada por preocupações e critérios acadêmicos de avaliação. Como críticos, inseriram-se na grande imprensa, nos projetos editoriais, nos empreendimentos culturais mais amplos da cidade de São Paulo. Como intelectuais acadêmicos, profissionalizaram-se na Universidade de São Paulo e formularam um dos mais bem sucedidos projetos de análise da cultura brasileira.

O fato de atuarem ao mesmo tempo como críticos de cultura, acadêmicos e professores universitários, sinaliza o alcance das transformações que estavam ocorrendo ao longo das décadas de 40 e 50 no sistema cultural paulista, decorrentes em larga medida da introdução de novas maneiras de conceber e praticar o trabalho intelectual. Nesse contexto, fizeram a "ponte" entre a Faculdade de Filosofia e as instâncias mais amplas de produção e difusão cultural da cidade.

Reconhecidos como grandes expressões da intelectualidade brasileira, eles têm sido estudados nos últimos anos à luz da perspectiva analítica desenvolvida pela história das idéias. A referência à revista que editaram no início dos anos 40 e ao grupo a que pertenceram nesse período, embora mencionada nesses estudos, ocupa quase sempre uma posição periférica em relação à análise interna das obras, dos conceitos utilizados e dos achados analíticos encontrados.

Partindo do pressuposto que idéias e obras estão ancoradas em processos sociais concretos e contextos intelectuais precisos, meu objetivo é outro: analisar o círculo de juventude desses autores, a partir da recuperação da experiência cultural, social, intelectual, política e institucional de seus membros.

A perspectiva analítica que balizou este estudo encontra sua formulação mais sistemática no trabalho de Raymond Williams. Como mostra o sociólogo inglês, a história da cultura moderna é impensável sem a análise comparativa dos grupos de intelectuais, artistas e escritores, que contribuíram para a sua formulação e atualização. O trabalho analítico envolvido nessa direção pressupõe, segundo esse autor, uma série de problemas metodológicos que podem, grosso modo, ser resumidos em duas ordens de questões. Por serem compostos por um número relativamente pequeno de membros, não é possível analisá-los com um instrumental estatístico. Por outro lado, os princípios e valores que unem seus integrantes não são codificados institucionalmente. Eles estão ancorados num corpo de práticas e de representações e, simultaneamente, na "estrutura de sentimentos" e no "ethos" do grupo[3].

Levando a sério a frase que um dos membros do renomado grupo inglês, o "Bloomsbury group", utilizou para caracterizá-lo — "we were and always remained primarily and fundamentally a group of friends"[4] —, Williams mostra que a análise desse agrupamento num registro sociológico deve ser capaz de responder a duas questões fundamentais. Em primeiro lugar, quais são as idéias, as atividades e os valores partilhados que asseguraram essa amizade proclamada e, ao mesmo tempo, contribuiram para a formação do grupo e para a sua distinção em relação a outros grupos culturais. Em segundo lugar, no que essa amizade é indicativa ou reveladora de fatores sociais e culturais mais amplos. Para tanto, é preciso considerar não apenas as atividades, os princípios e os valores manifestos de seus membros, mas também as suas posições sociais e idéias implícitas.

---

[3] Cf. Raymond Williams, "The Bloomsbury Fraction", **Problems in Materialism and Culture**, Londres, Verso Editions, 1982, p. 148.

[4] A frase é de autoria de Leonard Woolf, um dos membros do "Bloomsbury Group". Composto por Virginia Woolf, Vanessa Bell, Clive Bell, Maynard Keynes, Morgan Forster, Roger Fry, Desmond MacCarthy, Leonard Woolf, entre outros, o grupo se estabilizou pela

O ponto central e decisivo da análise, para Raymond Williams, reside em ver o significado do "Bloomsbury group" - e de todo e qualquer agrupamento desse tipo - para além da auto-definição de seus membros. Sendo inequivocamente "um grupo de amigos", ele é também e a um só tempo um grupo cultural e social. Apreendê-lo enquanto tal, exige o entrelaçamento de uma dupla perspectiva. De um lado, o resgate dos termos com que seus integrantes se viam e queriam ser apresentados e, de outro, a análise desses termos a partir de seus significados sociais e culturais mais gerais.

Para Williams, o "Bloomsbury", mais do que um grupo de amigos como eles gostavam de se ver, representava uma fração efetiva das classes altas inglesas, empenhada em sustentar os valores clássicos da burguesia iluminista. "It was against cant, superstition, hypocrisy, pretension and public show. It was also against ignorance, poverty, sexual and racial discrimination, militarism and imperialism. But it was against all these things in a specific moment of the development of liberal thought. What it appealed to against all these evils, was not any alternative idea of a whole society. Instead it appealed to the supreme value of

---

importância dos trabalhos que vários de seus integrantes produziram nas áreas de literatura, economia, política, psicanálise e artes. A esse respeito, conferir Raymond Williams, op. cit., pp. 148-169.

the civilized individual, whose pluralization, as more and more civilized individuals, was itself the only acceptable social direction"[5].

Do ponto de vista analítico, o que importa, para Williams, são as relações concretas do grupo com a totalidade do sistema social e não apenas as suas idéias abstratas. Para tornar mais claro esse partido teórico, o autor empreende uma instigante comparação entre o "Bloomsbury group" e o círculo do escritor Godwin, que se constituiu na Inglaterra em 1780. Integrado por profissionais relativamente pobres (entre eles, a feminista Mary Wollstonecraft), formava uma "intelligentsia" de extração pequeno-burguesa, voltada para a defesa da racionalidade, da tolerância, da liberdade e da igualdade, inclusive no plano das relações entre os sexos. As idéias e os valores compartilhados por seus membros, as representações e auto-definições que construíram sobre o grupo, assim como as formas de sociabilidade que praticavam, apresentam uma forte semelhança com o "Bloomsbury group". Mas diferentemente do último, oriundo de uma fração bem delimitada das classes altas inglesas, Godwin e seu círculo de amigos provinham da pequena burguesia comercial que, na época, surgia como um setor emergente de uma classe ainda relativamente subordinada. Por esta razão, o significado que ambos os grupos atribuíam à questão da "consciência social" também era distinto.

Como mostra Williams, a procura sistemática por reformas no nível das classes dirigentes, aliada ao trabalho de educação e conscientização que os membros do "Bloomsbury group" fizeram, nos primeiros decênios deste século, junto aos setores desprivilegiados da sociedade inglesa, não foram suficientes para romper com o sentimento de classe do grupo. Um persistente e nítido senso de fronteira entre as classes, convivia com um sentimento muito

---

5. Cf. Raymond Williams, op. cit., p. 165.

forte da simpatia pelas classes baixas, vistas antes de tudo como vítimas do sistema'.

As considerações metodológicas de Raymond Williams e o partido teórico que ele assumiu para examinar o "Bloomsbury group" são particularmente sugestivos para a análise da constituição, do perfil social e da experiência cultural do "grupo Clima". Se a Universidade de Cambridge foi o centro de sociabilidade inicial do grupo inglês, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo fez o mesmo na conformação do grupo paulista. Tanto lá como aqui, a questão da consciência social e da atuação que tiveram nesse domínio foram marcadas por uma visão elitista, ainda que simpática, em relação às camadas menos favorecidas da sociedade.

Aqui como lá, as mulheres, apesar de numerosas e inteligentes, ocuparam uma posição secundária e foram relativamente excluídas ou se auto-excluíram (o que dá no mesmo, pois representa a forma cabal de internalização psicológica de uma exclusão social) dos espaços mais amplos de produção intelectual e cultural, marcadamente masculinos, da época. A flagrante exceção da escritora Virginia Woolf (no caso do "Bloomsbury group") e de Gilda de Mello e Souza (a única mulher do "grupo Clima" que conquistou nome próprio, em razão de sua trajetória acadêmica e dos trabalhos que produziu nas áreas de sociologia e estética) apenas confirma a assimetria das relações de gênero no interior desses círculos.

---

6. Segundo Williams, "The point is not that this social conscience is unreal; it is very real indeed. But it is the precise formulation of a particular social position, in which a fraction of an upper class, breaking from its dominant majority, relates to a lower class as a matter of conscience: not in solidarity, nor in affiliation, but as an extension of what are still felt as personal or small-group obligations, at once against the cruelty and stupidity of the system and towards its otherwise relatively helpless victims" (idem, p. 155).

Semelhantes também são as razões mais amplas, de ordem social e cultural, que propiciaram o intenso sentimento [illegible] que uniu os participantes [illegible] grupos. Ainda que seus conteúdos de experiência sejam distintos, possuem pontos em comum, conforme tentaremos mostrar no decorrer deste trabalho que se insere, então, no campo de estudos da sociologia da cultura e da produção intelectual.

Necessariamente multidisciplinar, tal campo apresenta contornos diversos em função dos acentos teóricos e metodológicos próprios das disciplinas que o integram. "História intelectual e cultural", "história das idéias" "história das mentalidades", "etnografia do pensamento e da ciência", "sociologia do conhecimento", tais são algumas das denominações utilizadas por seus atualizadores para circunscrevê-lo. Menos que uma imprecisão conceitual, diferentes maneiras de determinar os seus objetos, objetivos, metodologias e ferramentas intelectuais.

Essa multiplicidade de denominações expressa uma série de problemas substantivos. Cada historiografia nacional possui seu próprio entendimento a respeito do que seja história intelectual - o que as tornam particularmente difíceis de serem "traduzidas" de um país para outro[1]. A essas tradições nacionais sobrepõem-se clivagens de ordem política, maneiras distintas de definir o núcleo central da atividade cultural, abordagens diversas em função da especificidade do objeto analisado (ciência, arte, literatura etc.).

A abrangência da história intelectual e cultural pode ser dimensionada, por exemplo, pela definição apresentada por Robert Darnton. A seu ver, ela inclui "a história

---

1. A esse respeito, ver Roger Chartier, "Intellectual History or Sociocultural History? The french trajectories", **Modern European Intellectual History**, La Capra e Kaplan (orgs.), Ithaca & Londres, Cornell University Press, 1982, pp.13-46.

das idéias (o estudo do pensamento sistemático, geralmente tratados filosóficos), a história intelectual propriamente dita (o estudo do pensamento informal, dos climas de opinião, dos movimentos literários), a história social das idéias (o estudo da ideologia e da difusão das idéias) e a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo visões de mundo e *mentalités* coletivas)[8].

Nesse sentido, a história intelectual apresenta contornos tão amplos quanto os da história social e econômica. O que é uma outra maneira de dizer que a produção das idéias, ao propor desafios múltiplos do ponto de vista teórico-metodológico, é analisada de maneiras distintas em função das filiações teóricas dos estudiosos e das tradições intelectuais mais amplas em que se situam.

Se o objeto da história intelectual [illegible] cultural não se encontra determinado *a priori* – supondo por parte daqueles que se dedicam a esta modalidade de análise o trabalho de construí-lo conceitualmente – podemos, no entanto, a título de sistematização precária, afirmar que

---

8. Cf. Robert Darnton, **O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução**, São Paulo, Companhia das Letras, 19[illegible] p. 185.

9. Nos Estados Unidos, por exemplo, a história das idéias, enquanto uma disciplina que tem objetivos, programas e [illegible]quisa própria, encontrou no **Journal of the History of Ideas**, fundado em 1940 por A. O. Lovejoy, um forum importante de debates e de institucionalização. Atualmente, esta área vem se ampliando em função dos trabalhos de historiadores como Robert Darnton, Natalie G. Davis, Carl Schorske, entre outros, nitidamente marcados pelo diálogo com a historiografia francesa e pela incorporação das análises da antropologia norte-americana sobre os fenômenos culturais. Na França, a história intelectual aparecia [illegible] sob a forma de história da filosofia, da literatura, das artes, etc. A partir da consolidação da tradição sociológica e da produção da "École des Annales", a história intelectual francesa sofreu profundas e decisivas reformulações. A este respeito, ver Chartier, op. cit.

duas são as posturas que recortam esta área: "internalista" e "externalista"[10].

A primeira é herdeira das contribuições teóricas fornecidas pela lingüística estrutural, pela semiologia e pelos debates travados no campo da história da arte. Visa principalmente uma análise interna das obras e dos produtos culturais, os quais têm sua inteligibilidade assegurada no sistema interno de sua produção. É nesta perspectiva, por exemplo, que Claude Lévi-Strauss encaminha a análise sobre os mitos sul-americanos, com o propósito de construir uma sintaxe dessa mitologia. Segundo o antropólogo, "nous ne prétendons pas montrer comment les hommes pensent dans les mythes, mais **comment les mythes se pensent dans les hommes** et à leur insu"[11]. Isto significa que no lugar de procurar a explicação para os mitos nos contextos etnográficos particulares em que são produzidos, Lévi-Strauss busca recuperar uma espécie de "diálogo" interno entre eles.

Guardadas as devidas proporções, encontramos similaridades entre a perspectiva de Lévi-Strauss (e de todos os que exercitam a metodologia estruturalista no âmbito da análise da produção cultural) e as formulações de certos estudiosos da história da arte, qualificados como formalistas. Segundo Wolfflin, "todos os quadros devem mais a outros quadros do que à observação direta"[12]. O que é uma outra maneira de afirmar, como mostra Carlo Ginzburg, que as várias manifestações artísticas não [illegible] relações entre si, mas anéis de uma tradição"[13].

---

[10] Para uma discussão mais circunstanciada sobre a atualização dessas posturas na história da ciência e na etnografia desse campo disciplinar, ver Roberto Cardoso de Oliveira, "A vocação metadisciplinar da etnografia da ciências", **Sobre o Pensamento Antropológico**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1988, pp.161-180.

[11] Cf. Claude Lévi-Strauss, **Mythologiques. Le Cru et le Cuit**, Paris, Plon, 1964, p. 20, grifos meus.

[12] Heinrich Wolfflin, **Principles of Art History**, Londres, [illegible]. Apud Carlo Ginzburg, "De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método", **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e História**, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.86.

A idéia de que a representação da realidade, no plano pictórico, supõe a intervenção de uma tradição e de um esquema ("essa conjetura inicial destinada a ser continuamente corrigida e modificada"[14]), traz ainda duas implicações do ponto de vista analítico. Em primeiro lugar, a pressuposição, formulada por Gombrich, que "o artista pode copiar a realidade referindo-se unicamente a outros quadros". Em segundo, a certeza de que "a leitura de uma imagem nunca é óbvia, na medida em que o observador se depara sempre com uma mensagem ambígua (...) E a ambiguidade é a chave de todo o problema da leitura da imagem"[15].

Estas formulações encontram eco nas análises do tipo internalista dedicadas ao exame da produção intelectual em sentido estrito. Isto porque a ambiguidade e a multiplicidade de sentidos são também a chave de todo o problema da leitura das obras. Aliada a essa pressuposição, a idéia de que as obras, os textos e os sistemas intelectuais - assim como os mitos e os quadros - também estabelecem um "diálogo" entre si. Recuperar este diálogo, por meio das análise que busca reconstruir a lógica da composição interna das obras, é simultaneamente o grande desafio e a maior contribuição da postura "internalista".

Para a postura "externalista", ao contrário, a produção cultural e intelectual - configurada no plano das idéias e das obras - explica-se não só por razões internas mas sobretudo externas. Seu foco analítico é deliberada-

---

13. Cf. Carlo Ginzburg, op. cit., p.86.

14. Idem, p.84.

15. E. H. Gombrich, Art and Illusion. Londres, 1960. Apud Carlo Ginzburg, op. cit., p. 84.

mente" (posta nas condições sociais de produção das obras e não só na forma e nos seus conteúdos substantivos. Esta perspectiva pretende dar conta tanto do perfil sociológico dos produtores de bens culturais, intelectuais e simbólicos, de suas representações, ideologias e práticas sociais, quanto do "campo" particular em que estão inseridos[16]. Os trabalhos de Clifford Geertz, Carl Schorske, Norbert Elias, Wolf Lepenies, Fritz Ringer, Pierre Bourdieu, por conduzirem nessa direção e fornecerem a matriz analítica que orientou a construção do meu objeto de pesquisa, merecem uma referência mais pormenorizada.

Apesar de não ser um especialista na área de história intelectual, Geertz é autor do instigante ensaio, "The way we think now: toward an ethnography of modern thought", de ampla repercussão entre os antropólogos e historiadores voltados para essa modalidade de investigação. Concebendo a "etnografia do pensamento" como "um empreendimento histórico, sociológico, comparativo, interpretativo, algo como um corpo-a-corpo, cujo objetivo é tornar inteligível questões obscuras, oferecendo-lhes um contexto esclarecedor"[17], Geertz lança as bases para uma apreensão renovada da história intelectual das ciências humanas. De um lado, ao mostrar que os discursos produzidos pelos integrantes do universo acadêmico não são apenas postos privilegiados de observação intelectual, mas, antes de tudo, modos de estar no mundo"[18]. De outro lado, ao chamar atenção para o fato de que as comunidades científicas, não sendo maiores que "boa parte das aldeias camponesas, são em geral tão fechadas quanto elas"[19].

---

[16] A análise de Weber sobre a sociologia da religião, ao estabelecer a noção de campo, é normalmente tomada como a matriz desta tradição. No lugar de se perguntar pela essência da religião, Weber define as condições e os efeitos de um tipo de ação comunitária sedimentada sobre a racionalização da ética religiosa. Para tanto, analisa os agentes sociais envolvidos por esta ética: os profetas (detentores de um carisma pessoal), os sacerdotes (cuja autoridade ancora-se no fato de serem membros de uma organização institucionalizada da salvação) e os leigos. Cf. Max Weber, "Sociologia de la comunidad religiosa (Sociología de la religión)", **Economía y Sociedad**, México, Fondo de Cultura Económica, 1984, pp.328-492.

[17] Clifford Geertz, "The way we think now: toward an ethnography of modern thought", **Local Knowledge. Further Essays in Interpretative Anthropology**. New York, Basic Books, 1983, p.152.

Valendo-se do enfoque cultural da antropologia, Geertz define as comunidades científicas como "aldeias intelectuais". As relações que unem seus integrantes são, a um só tempo, sociais, morais, políticas, pessoais e, em vários casos, conjugais. Seus membros não só envelhecem juntos como tendem a aparecer sob a forma de personagens nas biografias de vários deles. Como comunidades de indivíduos multiplamente relacionados, responsáveis pela atualização de padrões de carreiras particulares e pela produção de redes sociais específicas e mutuamente reforçadas, merecem um tratamento analítico circunstanciado: etnográfico. Condição básica, segundo Geertz, para levar a diversidade a sério e para entender a fragmentação do pensamento moderno a partir de clivagens outras que as estritamente disciplinares.

Interessado em examinar os primórdios da transformação cultural ocorrida na Europa no final do século XIX, Schorske escolheu Viena como núcleo de análise por entender que essa cidade, ao sentir de maneira profunda "os abalos da desintegração social e política, revelou-se um dos terrenos mais férteis para a cultura a-histórica do nosso século. Seus grandes inovadores intelectuais - na música e filosofia, na economia e arquitetura e, evidentemente, na psicanálise - romperam, todos eles, e de

---

18. Idem, p.155

19. Idem, p.153.

20. Expressão de Alfred Weber, citada por Geertz, idem, p. 156.

mais ou menos deliberado, seus laços com a perspectiva historicista essencial para a cultura liberal novecentista em que foram gerados[20].

A escolha desse objeto, analisado com maestria no livro **Viena Fin-de-Siècle**, resultou "de uma mescla de experiências profissionais, intelectuais e políticas"[21] do autor. Como professor, desde o final dos anos 40, de história intelectual da Europa Moderna, Schorske pretendia, inicialmente, entender as "grandes correlações estruturais entre a alta cultura e a transformação sócio-política"[22]. Na década seguinte, porém, deparou-se com o fato de que os estudos nas áreas de literatura, arte e filosofia "estavam se afastando da história como base de compreensão"[23]. No lugar de se aterem à linha diacrônica, propunham métodos sincrônicos, "centrados na análise das características estruturais e estilísticas autônomas dos objetos culturais e intelectuais investigados. Ao mostrarem que não era mais possível "usar os artefatos da alta cultura como meros reflexos ilustrativos de desenvolvimentos políticos ou sociais, ou como elementos ideológicos"[24], lançaram novos desafios aos historiadores das idéias.

Atento ao que se passava nessas áreas e sem perder de vista a importância dos contextos históricos particulares, Schorske voltou-se para a análise da alta cultura vienense no final do século XIX, munido da seguinte estratégia de investigação: "a certeza de que, para manter a vitalidade analítica do campo da história das idéias, te-

---

21. Cf. Carl Schorske, **Viena Fin-de-Siècle. Política e Cultura**, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p.14.

22. Idem, ibidem.

23. Idem, ibidem.

24. Idem, p.15.

25. Idem, p.14.

fim de abordá-la como um segundo nível, examinando cada área desse campo segundo seus próprios termos.[16]

Ao abordar os diversos ramos da atividade cultural em Viena (literatura, psicanálise, artes plásticas, música, planejamento urbano, arquitetura), Schorske não se restringiu à análise interna dessas áreas, na medida em que o "terreno para a fertilização (desses) elementos culturais, e base de sua coesão, era uma experiência social comum", partilhada pelos membros da elite cultural vienense. Excluída do poder político, mas sem chegar a se opor às elites dirigentes do período, ela se tornou a principal artífice da cultura moderna, como demostra o historiador ao longo de seu livro.

Enquanto Schorske procura correlacionar os domínios da experiência social, cultural e política de uma elite particular, o sociólogo Norbert Elias encontra no rastreamento da sociogênese dos conceitos de civilização (formulado pela *intelligentsia* francesa de classe média) e de cultura (elaborado por sua congênere alemã) uma das chaves para a explanação do processo civilizador em curso no Ocidente a partir do século XVI. Mais que uma história das idéias contidas nesses conceitos, Elias realiza neste rastreamento uma sociologia de sua produção e de seus produtores. A análise dos segmentos intelectuais, responsáveis pela formulação mais sistemática desses conceitos, é feita a partir do esquadrinhamento de suas relações - de proximidade, aceitação, ou recusa - com os grupos de elite vinculados à sociedade de corte.

Enquanto na Alemanha a universidade constitui-se, no século XVIII, como o centro social mais importante na disseminação da cultura de sua classe média; na França, é a corte, com seu núcleo próprio de sociabilidade, que dá di-

---

16. Idem, p. 18.

17. Idem, ibidem.

ração à vida mundana das elites e dos segmentos intelectuais burgueses que nela se incorporam.

A *intelligentsia* de classe média alemã, excluída da corte e da fala francês e decide-se a política e do seu universo de sociabilidade, usa o livro como o meio de comunicação mais importante, pratica o alemão culto como língua escrita unificada, cria um estilo de vida frontalmente contrário ao das classes altas, sistematiza o conceito de cultura. Principal responsável pela constituição de um sistema de pensamento de origem acadêmica, esta *intelligentsia* trava "em território politicamente neutro" todas as batalhas que não podem ter lugar "no plano político e social porque as instituições e relações de poder existentes lhes nega instrumentos e mesmo alvos"[illegible]. Impotente na política, mas intelectualmente radical, forja uma tradição própria puramente burguesa, divergindo radicalmente da tradição da aristocracia de corte e de seus modelos"[illegible].

Na França, ao contrário, a **intelligentsia** reformista, representada entre outros pelos fisiocratas, permanece por muito tempo no contexto da tradição da corte: fala a sua língua, lê os mesmos livros, observa as mesmas normas, pratica a conversa "brilhante" como "arte" francesa como um dos meios mais importantes de comunicação. Os integrantes dessa intelligentsia formulam um sistema amplo de reformas sociais e políticas, que não se limita a mudanças no plano econômico. No entanto, não criam modelos opostos aos da sociedade de corte, visto que esta é a sua base social.

Os conteúdos antagônicos dos conceitos de civilização e de cultura explicam-se, então, em função da situação distinta dos estratos intelectuais da classe média na

---

[illegible] Cf. Norbert Elias, **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**, Rio de Janeiro, Zahar, 1990, p.55.

[illegible] Idem, p.[illegible]

França e na Alemanha. Suas posições diferenciadas no plano econômico, político, social e cultural, encontram sua expressão mais acabada na formulação desses conceitos. Como mostra Elias, eles são "instrumentos dos círculos de classe média - acima de tudo da intelligentsia de classe média- no conflito social".

Como expressão da auto-imagem da *intelligentsia* reformista francesa e de sua posição social, o conceito de civilização versa sobre o aprimoramento das instituições, da educação, da lei, por meio do aumento dos conhecimentos. Ou seja, alude sobretudo a fatos políticos, morais, sociais e econômicos. A referência ao conhecimento não significa, entretanto, "erudição no sentido alemão do século XVIII, porquanto os que aqui se expressam não são professores universitários, mas escritores, funcionários, intelectuais, cidadãos refinados dos mais diversos tipos, unidos através do medium da "boa sociedade", os salons"".

Como expressão da auto-imagem da *intelligentsia* alemã e de sua posição social, o conceito de cultura alude à idéia da auto-realização, do auto-conhecimento, da erudição, da virtude, de um estilo de vida e de pensamento construídos a partir do esforço sistemático. Em contrapartida, revela um menosprezo pelas maneiras externas, superficiais e afrancesadas da corte alemã. A fonte de legitimidade dessa *intelligentsia*, aos seus próprios olhos e em relação ao conjunto da sociedade, situa-se, segundo Elias, "além da economia e da política. Reside no que, exatamente por esta razão, é chamado de *das rein Geistige* (o puramente espiritual) em livros, trabalhos de erudição, religião, arte, filosofia, no enriquecimento interno, na formação in-

---

10. Idem, p.64.

11. Idem, p.61.

telectual (Bildung) do indivíduo, principalmente através de livros, na personalidade[12].

Comparativa e relacional, a análise de Elias sobre as intelligentsias francesa e alemã no século XVIII constitui um dos modelos mais bem sucedidos da sociologia da vida intelectual. Outro exemplo nessa direção encontra-se no livro de Fritz Ringer: **The Decline of The German Mandarins**. Voltado para o exame das opiniões e reações dos professores universitários alemães, entre 1890 e 1930, à acelerada transformação da Alemanha em uma nação altamente industrializada, o livro circunscreve a comunidade acadêmica alemã como um grupo social específico. Para analisá-la nessa chave, o autor articula as seguintes dimensões: a história dessa comunidade, sua formação educacional, experiência social e intelectual, atitudes, visão de mundo, ideologia, posição na estrutura social.

O tipo ideal utilizado para a análise é o mandarim. Sua matriz encontra-se na análise de Weber sobre a tradicional elite letrada da China. Transposto para o caso alemão, o mandarinato versa sobre um segmento de sua elite cultural e social, cuja história, como mostra Ringer, confunde-se com a da burocracia alemã. Seus representantes mais expressivos, os cientistas sociais e os humanistas alemães, ao mesmo tempo em que repudiam a sociedade industrial e a cultura de massas, rejeitam o conhecimento voltado para uma aplicação prática[13]. Perseguem o ideal do conhecimento puro, a elevação espiritual e o aprimoramento moral do indivíduo como um todo, apontados por Elias na análise do conceito de cultura.

---

12. Idem, p.43.

13. Cf. Fritz Ringer, **The Decline of The German Mandarins: the German academic community, 1890-1930**. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1969, p.15.

A apreensão da formação institucional e social desta elite voltada à recuperação de sua ideologia e tradição intelectual permitem um duplo feito: deslindar a história social da intelligentsia acadêmica alemã entre 1890 e 1930; entender suas teorias políticas e sociais a partir de uma chave explicativa distinta da que é fornecida pela história das idéias. Embora o autor procure delinear os conteúdos substantivos dessas teorias, seu objetivo é mostrar que elas ganham outra inteligibilidade quando examinadas como expressão e, simultaneamente, como resultado da experiência social de uma comunidade acadêmica específica. Tal é o núcleo do argumento do trabalho de Ringer.

Wolf Lepenies, por sua vez, constrói uma análise inovadora sobre a formação da sociologia. Seu livro, **Between Literature and Science: the rise of Sociology**, embora possa ser lido como uma história comparada da implantação dessa disciplina na França, na Inglaterra e na Alemanha, não se esgota nesta direção. Ao examinar a constituição da sociologia a partir da análise dos conflitos estruturais que permearam a sua formação e produziram a sua autodefinição, o autor faz sociologia da sociologia. Isto é, usa a sociologia como um instrumento de auto-análise para pensar o seu próprio processo de formação e para situar a sua posição no mundo social, cultural e intelectual europeu, da segunda metade do século passado às três primeiras décadas deste século.

Na busca de diferenciar-se da literatura, a sociologia, no momento de sua constituição, importou das ciências naturais seu modelo epistemológico e apoiou-se nele para se legitimar como uma disciplina auto-suficiente. Paralelamente a isto, procurou se apresentar como uma nova diretriz moral para a sociedade industrial, ou melhor, como a alternativa mais adequada, posto que científica, para a avaliação e condução dessa sociedade.

Do ponto de vista de seu projeto "mundano", a sociologia se contrapõe à *intelligentsia* literária (composta pelos "homens de letras", críticos e escritores) e, do ponto de vista de suas aspirações científicas, às disciplinas tradicionalmente estabelecidas no sistema universitário, como a história e a filosofia. Vivida como uma disputa e simultaneamente como um risco, esta contraposição marcou de maneira indelével todas os contenciosos envolvidos por ela.

Esta disputa, como mostra Lepenies, é parte de um complexo processo intelectual em curso no século XIX, no qual os procedimentos científicos começam a se diferenciar dos modos literários. Até século XVIII, as fronteiras entre a ciência e a literatura não se encontravam nitidamente demarcadas. Elas podiam se misturar sem que isto implicasse o descrédito para aqueles que as cruzavam. Buffon, por praticar esse trânsito com desenvoltura, é um caso exemplar. Reconhecido e altamente valorizado pela sociedade de sua época, este naturalista, quando eleito em 1753 para a Academia Francesa, falou sobre o estilo e não sobre as suas descobertas científicas".

O exemplo de Buffon tem um sentido preciso no livro de Lepenies: ressaltar a especificidade de uma tradição intelectual que não separava ainda os procedimentos científicos dos literários e, simultaneamente, identificar o ponto sutil de uma transição. Na carreira de Buffon inscreve-se este duplo cruzamento. Ele é "o último *scholar* cuja reputação foi fundada no talento de sua apre-

---

[14] O discurso de Buffon, longe de surpreender os ouvintes, expressava a auto-representação dos homens letrados de seu tempo, cuja aspiração máxima era se tornarem escritores-cientistas. Nada mais natural, então, que o cientista se visse também como um escritor. Ao lado da instrução, o entretenimento. Cf. Wolf Lepenies, **Between Literature and Science: the rise of Sociology**, Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme; Cambridge, Cambridge University Press, 1988, p.1.

[illegible] a perdê-la porque devotou-se [illegible] à pesquisa[13].

Nesta apreensão, encontra-se enunciado o problema central do trabalho de Lepenies: examinar a formação de uma nova matriz de produção intelectual, onde os valores que podem ser descritos como literários são excluídos dos cânones estabelecidos para o conhecimento científico aceitável.

Situada entre as ciências naturais e a literatura, a sociologia, no decorrer da segunda metade do século XIX, constituiu-se como uma terceira cultura. Longe de ocupar uma posição estável e neutra, ela se viu prensada entre crescentes e poderosos rivais. Tanto a literatura, através de seus escritores e críticos, como a história e a filosofia estabeleceram com ela uma relação de competição permanente. Por esta razão, o problema posto para a sociologia no contexto de sua formação pode, segundo Lepenies, ser resumido da seguinte maneira: ainda que tentasse imitar as ciências naturais não podia tornar-se e muito menos fazer uma ciência natural da sociedade. Mas se abandonasse a orientação científica, corria o risco de aproximar-se demais da literatura, perdendo assim a sua identidade disciplinar.

Através da elaboração de um objeto sutil, mas poderoso do ponto de vista de suas potencialidades analíticas, Lepenies examina as disputas, os rituais, os dilemas suscitados pela emergência da sociologia, tanto para os grupos empenhados na sua implantação, como para aqueles que recusavam o seu projeto científico. Todos eles envolvidos em um jogo de vida e morte pela afirmação de suas existências e, simultaneamente, pela negação da existência dos outros. Longe de manifestações conjunturais de aceitação ou de recusa, trata-se, como mostra o autor, de um embate entrutural entre grupos com projetos intelectuais distintos e muitas vezes antagônicos, enlaçados, no entanto, por relações ao mesmo tempo competitivas e próximas.

---

[13] Idem, ibidem.

O livro de Bourdieu, **Homo Academicus** (próximo dos trabalhos de Elias, Schorske, Lepenies e Ringer, em razão da perspectiva mais geral adotada na análise dos intelectuais) é teoricamente mais ambicioso. Seu objetivo é revelar a estrutura do campo universitário francês, por meio da análise da posição ocupada por cada uma de suas faculdades e das relações estabelecidas entre elas. Organizado segundo duas ordens básicas e antagônicas de hierarquia, social e científica, esse campo apresenta-se como um lugar de enfrentamento de dois princípios concorrentes de legitimação: temporal e político, científico e intelectual.

Como mostra Bourdieu, o campo universitário tem uma lógica própria: em um de seus polos, encontram-se as faculdades cientificamente dominantes mas socialmente dominadas; no outro, as faculdades cientificamente dominadas mas temporalmente dominantes. A oposição entre competência científica e competência social, que se manifesta explicitamente no conflito entre as faculdades situadas nas extremidades de cada um dos polos mencionados acima, desdobra-se, ainda, no interior de cada uma delas. Apesar de receber conteúdos empíricos distintos, essa oposição constitui uma invariante dos campos de produção cultural. A antinomia entre ciência e respeitabilidade social (traduzida sob a forma de uma polarização entre pesquisadores e professores, e expressa através de carreiras desviantes e arriscadas, de um lado, e carreiras socialmente seguras mas pouco inovadoras, de outro) é homóloga à que se verifica no campo religioso, entre heresia e ortodoxia.

Por ser um produto do campo universitário francês, ou seja, de um agente particular situado em um de seus polos e sujeito aos imperativos, conscientes e inconscientes, de sua lógica (a de sua estrutura) e, ao mesmo tempo, um pesquisador interessado em conhecê-lo cientificamente, Bourdieu leva o desafio da análise sociológica às últimas consequências, ao realizar uma reflexão extremamente aguda sobre a construção do objeto de seu livro. Longe de ser um apêndice da análise, esta reflexão aparece como condição primeira para que ela possa se realizar. Como mostra o sociólogo, para se "compreender objetivamente o mundo em que se vive é necessário compreender a lógica desta compreensão"[16].

Diferentemente de Lévi-Strauss que, no arrolamento da série quase ilimitada de objetos da etnografia, inclui "toda sociedade diferente da nossa, todo grupo de nossa própria sociedade, desde que não seja o de que saímos, e todo costume desse mesmo grupo ao qual não aderimos"[17], Bourdieu não só elege como objeto o grupo ou, para dizer nos seus termos, o campo do qual faz parte, como reivindica a importância epistemológica de tal empreitada. A seu ver, "uma ciência social armada do conhecimento científico de suas determinações sociais constitui a arma mais potente contra a ciência normal e contra a confiança positivista, que representa o obstáculo mais perigoso ao progresso da ciência"[18].

Para que a ciência social possa se armar do conhecimento de suas determinações sociais é imprescindível situá-la no interior do campo intelectual e universitário que a conforma. Seguindo esta direção, Bourdieu pretende suplantar tanto a visão objetivista, na qual o sociólogo tende a sobrevoar o seu objeto como se fosse um observador absoluto, um espectador soberano e imparcial, quanto a visão perspectivista, que se contenta em registrar a diversidade das coisas sem estabelecer uma hierarquia entre elas, como se fossem incomensuráveis.

---

[16] Cf. Pierre Bourdieu, Homo Academicus, Paris, Minuit, 1984, p.11.

[17] Cf. Claude Lévi-Strauss, "Introdução à obra de Marcel Mauss", Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU, EDUSP, 1974, vol. 1, p.18.

[18] Cf. Bourdieu, Homo Academicus, op. cit., p.11.

Integrar estas duas visões, por meio de um trabalho que visa "objetivar a objetivação", tal é o desafio perseguido por Bourdieu. Para tanto, elege como objeto de análise as operações classificatórias acionadas no interior do campo universitário - locus de uma luta incessante, praticada por todos os seus ocupantes, para determinar as condições legítimas de pertencimento e os critérios de hierarquia entre seus membros. Se a luta pela imposição do ponto de vista legítimo faz parte da realidade objetiva deste campo, é necessário explicitar o sistema classificatório que a preside. Além disso, é preciso trabalhar com os dados de sua morfologia social por meio de uma perspectiva relacional e posicional - única garantia, como mostra Bourdieu, contra a leitura positivista da realidade que toma os dados como informações substantivas em si mesmas.

Apesar de investigarem objetos empíricos distintos e de construírem chaves explanatórias diversas, Geertz, Schorske, Elias, Lepenies, Bourdieu e Ringer perseguem um desafio analítico semelhante: estabelecer as mediações necessárias para circunscrever os intelectuais como uma categoria social específica, passível, como as demais categorias sociais, de uma análise sociológica. No lugar de explicarem as teorias, os debates e as disputas intelectuais apenas como resultado do diálogo conceitual que autores e obras travam, velada ou abertamente, uns com os outros, procuram mostrar que a sua compreensão só é plenamente assegurada a partir da recuperação do contexto social mais amplo que os conformam.

Se "o mundo existe para acabar em um livro", como queria Mallarmé, o mundo dos intelectuais, acadêmicos, críticos e escritores também não foge à regra. Contudo, nas análises desses autores, o mundo dos intelectuais não se esgota nos livros, nas teorias e nas polêmicas sustentadas por eles. É modelado também por condicionantes sociais e culturais mais amplos e marcado por constrangimentos de várias ordens: jogos de poder, lutas classificatórias, disputas quanto ao modo legítimo de produzir conhecimento, relações de gênero assimétricas[38], polêmicas públicas que ressoam em dimensões inesperadas da vida pessoal dos intelectuais que as promovem, padrões distintos de carreira e de sociabilidade.

Em suma, o mundo dos intelectuais, embora à primeira vista menos sujeito aos imperativos da ordem social, na medida em que faz do "livre pensar" sobre os mundos que o circundam a sua marca distintiva, possui, no entanto, espessura, estrutura e lógica particulares. Estas dimensões, como em outros universos sociais, tendem a situar-se fora consciência dos agentes empíricos, no caso os intelectuais, envolvidos e modelados por elas[39].

Tal é a perspectiva mais geral que utilizei para analisar o "grupo Clima" e, simultaneamente, a experiência social, cultural, intelectual, política e institucional de seus membros mais expressivos, no decorrer das décadas de 40, 50 e meados dos anos 60: Antônio Candido (1918), Décio de Almeida Prado (1917), Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), Lourival Gomes Machado (1917-1967), Ruy Galvão de Andrada Coelho (1920-1990) e Gilda de Mello e Souza (1919).

---

[38] Para uma análise fina sobre a vivência das relações de gênero no interior de um círculo importante de intelectuais, ver Mary Gluck, Georg Lukács and his generation, 1900-1918, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1985.

[39] A sociologia do mundo intelectual, empreendida nessa direção, contribui "à la connaissance du sujet de connaissance en introduisant, plus directement que toutes les analyses réflexives, aux catégories de pensée impensées qui délimitent le pensable et prédéterminent le pensé". Cf. Bourdieu, Leçon Inaugurale, Paris, Collège de France, 1982, p.7.

No primeiro capítulo, reconstruo a trajetória inicial de Lourival Gomes Machado, com a finalidade de introduzir o contexto de formação e de interlocução do grupo. Autor do ensaio **Retrato da Arte Moderna do Brasil**, Lourival foi o primeiro integrante desse círculo a estabelecer uma discussão mais direta com os autores e com a tradição cultural consagrada pelos modernistas. Seu interesse pela arte moderna brasileira e pelo barroco mineiro, motivado pela atuação como crítico de artes plásticas e pela formação acadêmica que recebera dos professores franceses na Universidade de São Paulo, ganha uma maior inteligibilidade quando inserido no campo da crítica de arte e da política cultural da época. Semelhante à de outros membros de seu grupo de juventude, sua trajetória sintetiza, de forma paradigmática, os caminhos institucionais e os desafios intelectuais perseguidos por eles no decorrer da década de 40.

O segundo capítulo, voltado para a análise da plataforma cultural e intelectual do "grupo Clima", articula as seguintes dimensões empíricas: o rastreamento dos depoimentos prestados por alguns de seus membros para o jornal **O Estado de S. Paulo**, entre 1943 e 1944; a maneira como foram recebidos no período; os conteúdos e as implicações dessa recepção; as relações que estabeleceram com figuras de ponta do modernismo paulista; a inserção do grupo na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o impacto dessa experiência na definição de seu perfil intelectual. A articulação dessas dimensões permite, como veremos, uma apreensão contextualizada da emergência do grupo e de sua posição no sistema cultural paulista.

No terceiro capítulo, faço uma análise particularizada da revista que editaram entre maio de 1941 e novembro de 1944 (**Clima**), em termos da divisão do trabalho intelectual, dos temas privilegiados, da forma de exposição dos assuntos, da posição das mulheres, da filiação política de [illegible]. Por meio desse experimento cultural de juventude, fixaram os contornos da identidade do grupo, viabilizaram o início de suas carreiras como críticos profissionais, lançaram as bases para a construção de uma dicção autoral própria, projetaram-se no sistema cultural paulista. Através de uma perspectiva sincrônica e horizontal, procuro situar a revista Clima na trama da história cultural da época e na trajetória individual de seus editores mais importantes.

O quarto capítulo, construído numa dimensão diacrônica, apresenta uma biografia coletiva do grupo, a partir da reconstituição da origem social de seus integrantes e da análise de suas trajetórias intelectuais e institucionais dentro e fora da Universidade de São Paulo, ao longo das décadas de 40, 50 e meados de 60. Para tanto, lanço mão da perspectiva comparativa com um tríplice propósito: situá-los em conjunto, uns em relação aos outros, e todos em relação a Florestan Fernandes (1920-1995). Contraponto necessário para adensarmos a análise do perfil social e cultural do grupo, Florestan nunca se incorporou ao universo de sociabilidade desse círculo de amigos. Apesar disso, foi uma presença marcante no espaço em que todos se profissionalizaram como intelectuais acadêmicos: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Outro em relação a eles, permite, no entanto, enxergá-los melhor por uma lente ao avesso.

Tal é, de forma sucinta, o percurso analítico desse trabalho, que partindo de uma trajetória e de uma obra particular procurou alcançar uma compreensão mais alargada e simultaneamente circunscrita desse grupo de intelectuais. Destinos mistos aos olhos de hoje, situados na interseção do modernismo e das ciências sociais em sentido estrito, praticantes do melhor ensaísmo produzido entre nós, responsáveis por algumas das análises mais argutas da cultura brasileira, eles são uma das vertentes mais bem surgidas do sistema acadêmico que se implantou na capital paulista por intermédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Como tais, merecem um tratamento contextualizado que, sem perder de vista o alcance analítico das obras que individualmente produziram, seja capaz de resgatar o espaço social e cultural mais amplo que conformou a experiência de todos: o grupo de juventude a que pertenceram antes de se tornarem intelectuais consagrados; a Faculdade na qual se inseriram, primeiro como estudantes, posteriormente como professores; a revista com que se projetaram; os contenciosos em que se envolveram; as influências recebidas; as alianças celebradas; os desafios perseguidos; os constrangimentos institucionais enfrentados; os projetos intelectuais que implementaram.

Capítulo I - ESBOÇO DE FIGURA.

1. Acertando os ponteiros.

> *"O primeiro historiador da arte brasileira, sistemático e com visão geral do desenvolvimento cultural, erudito e capaz de interpretação, este ainda não o tivemos. Monografias soberbas, aparecem por vezes e, em muitas oportunidades, uma monografia - por exemplo, sobre o Aleijadinho - vale pelo estudo de uma época. Não basta, contudo. Ficarão provisoriamente faltando aqueles estudos em que, mais que o grande artista ou o período bem caracterizado, constituam as ligações, as passagens intermediárias, as transições, o interesse central do historiador. E infelizmente, só é história verdadeira a que mostra como a cultura transita se transformando, como os padrões adquirem uma medida de evolução, de crescimento"*[1].

Se ainda não tivemos o grande historiador da arte brasileira, parece claro que o autor dessas palavras pretendia ou, ao menos, candidatava-se a ocupar esta posição. A afirmação audaciosa do rapaz de 28 anos, própria desses arroubos considerados de juventude, tinha tudo para se perder no tempo e cair no esquecimento. Não fosse o fato de que ela estava ancorada na construção de um projeto intelectual e institucional mais amplo, do autor e do grupo a que ele pertencia. Munido do propósito de renovar o estudo da arte brasileira, Lourival Gomes Machado escolheu a declaração citada acima para abrir o ensaio **Retrato da Arte Moderna do Brasil**, premiado em 1945 pela Sociedade Paulista de Escritores. Embora fosse membro dessa entidade, o autor não era escritor e sim um jovem professor de política, formado no ano de 1938, simultaneamente em direito e ciências sociais.

Assim que se formou, Lourival foi convidado por Paul Arbousse-Bastide[2] para ser seu assistente na Cadeira

---

[1] Lourival Gomes Machado, **Retrato da Arte Moderna do Brasil**, São Paulo, Departamento de Cultura, 1947, p.11.

Abre-se, por sua vez, o espaço que iria garantir a notabilidade de Lourival como um dos mais argutos analistas do barroco mineiro.

V. A crítica de arte em São Paulo.

Até meados do decênio de 40, a crítica de arte paulista encontrava-se fortemente impregnada pelos ideários e proposições estéticas do modernismo e, por esta razão, passava ao largo do abstracionismo e de sua discussão. Sérgio Milliet, o mais atuante e importante crítico do período[51], mostrava-se bastante reticente em relação à arte pós-cubista, sobretudo em sua vertente abstrata. Embora reconhecesse o valor estético da última, com a condição de que ela não servisse 'de pretexto ao jogo estéril das combinações geométricas, vazias de sentido humano', Milliet condenava com veemência a sua 'desconversa'. A seu ver, esta não valia muito mais que as discussões brilhantes de salão em que todos os contendores jogam com paradoxos sem consequência, e os trocadilhistas divertem a sociedade fútil[52].

A avaliação de Milliet, longe de ser exclusiva, era compartilhada por Mário de Andrade, Geraldo Ferraz e Luís Martins. Todos eles veteranos do modernismo, empenhados, como mostra Otília Arantes, no [illegible] da sua tradição. 'O auge do movimento fora nacionalista no segundo tempo, francamente social. Além do mais, declaradamente hostil à orientação abstrata, contra a qual Mário de Andrade prevenia Tarsila em Paris. Nisto davam seguimento,

---

51. Para uma visão geral da trajetória de Milliet crítico e intelectual, cf. Lisbeth Gonçalves, Sérgio Milliet, crítico de arte. São Paulo, Perspectiva, 1992.

52. Cf. Sérgio Milliet, Diário Crítico. São Paulo, Martins, 194[illegible], vol. III, p. [illegible].

e um espanto que vinha de longe: não se concebia entre nós atividade cultural que não estivesse a serviço da figuração do país, que não fosse ao mesmo tempo instrumento de conhecimento e consolidação da imagem de um país ainda muito incerto de si mesmo - pintar era ajudar a descobri-lo e edificar em parcelas uma nação diminuída pelo complexo colonial"[illegible].

A recusa à abstração, propugnada em larga medida pelos críticos modernistas de São Paulo, explica em parte o porquê da sua baixa aceitação pelos pintores paulistas, ao contrário do que acontecia com vários de seus congêneres cariocas. As condições intelectuais, artísticas e institucionais necessárias para a emergência de experimentos abstratos no plano das artes plásticas, praticamente ausentes em São Paulo até o final dos anos 40, foram construídas no Rio pela afluência de pintores estrangeiros durante a Segunda Guerra, e sobretudo pela atuação crítica de Mário Pedrosa (1900-1981).

Após o intenso envolvimento com a luta pela redemocratização do país e com a montagem, em 1945, do jornal A *Vanguarda Socialista*, Mário Pedrosa redireciona seus interesses de forma a contemplar, além da militância política, a análise dos problemas estéticos e das artes plásticas em geral[illegible]. A partir de 1947, passou a escrever com regularidade na imprensa do Rio de Janeiro, como crítico de arte, e assumiu o papel de mentor intelectual dos artistas cariocas em início de carreira, que já trilha-

---

[illegible] Otília Arantes, *Mário Pedrosa: itinerário crítico*, São Paulo, Scritta Editorial, 1991, p. 41.

[illegible] Sobre a trajetória política de Mário Pedrosa, anterior à sua estréia como crítico de arte, ver José Castilho Marques Neto, *Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993; e Isabel Loureiro, *Vanguarda Socialista. 1945-1948*, Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, 1984.

vam um caminho fora do eixo consagrado pela tradição modernista. Adveio daí a reputação que ele rapidamente adquiriu como principal teórico do abstracionismo no país[55].

Até a criação, em 1948, do Museu de Arte Moderna não havia em São Paulo nenhum crítico importante que defendesse o abstracionismo[56]. O debate que se fazia aqui, no período em que Lourival escreveu **Retrato da Arte Moderna do Brasil**, centrava-se principalmente na caracterização da chamada escola paulista de pintura e na apreciação da sua produção. A polêmica travada entre Luís Martins e Sérgio Milliet sobre a questão do seu colorido e da sua preferência pela paisagem é um bom exemplo dos problemas enfrentados pela crítica de arte, na época.

Na palestra "De Almeida Júnior ao Modernismo", promovida pelo Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos, em janeiro de 1941, Luís Martins sustentou a tese de que de Almeida Júnior usava o colorido luminoso da natureza brasileira por viver no período da alta do café, enquanto a pintura de tons sombrios das paisagens expostas no Salão do Sindicato seria o reflexo da crise da economia paulista, após a quebra da Bolsa de Nova York. Sérgio Milliet, que desde 1939 assumira a liderança na análise da produção da Família Artística Paulista[57], notadamente na abordagem do seu universo paisagístico, dá prosseguimento ao ciclo de debates organizado pelo Salão e polemiza com Martins.

---

[55] Para uma visão aprofundada do itinerário crítico de Mário Pedrosa e de sua produção teórica, ver Otília Arantes, op. cit.

[56] Não é de se estranhar, então, o fato de que coube a um estrangeiro o papel de deflagrar, em São Paulo, o debate mais sistemático sobre o abstracionismo. Convidado por Matarazzo para ser o primeiro diretor do Museu de Arte Moderna, o crítico belga Leon Dégand organizou a exposição "Do Figurativismo ao Abstracionismo", apresentada em 1948 na inauguração do museu.

[57] A Família Artística Paulista fez sua primeira exposição em São Paulo, no mês de novembro de 1937. Este evento, patrocinado por Paulo Rossi Osir, contou com a participação de Waldemar da Costa, Alfredo Volpi, Rebolo Gonsales, Clóvis Graciano, Aldo Bonadei, Fulvio Pennacchi, Humberto Rosa, Mario Zanini, Manoel Martins, Hugo

Com muito mais propriedade, Milliet demonstra que o colorido em Almeida Júnior advém do seu estágio com o pintor Alexandre Cabanel e não de supostas e infundadas razões de ordem econômica. Rebate também a tentativa de Martins de relacionar a ausência do colorido na pintura paulista a determinantes econômicos". Pois se é certo a existência de coincidências entre os fenômenos econômico e estético, muito mais numerosos são, segundo Milliet, "os exemplos do esplendor artístico sucedendo ao esplendor econômico". Tal era, a seu ver, "o caso de São Paulo, com sua exuberância de manifestações plásticas verificadas após a crise do café e não durante a mesma"[39].

O debate não se encerrou aí. Em agosto de 1941, Luís Martins faz outra intervenção na abertura da primeira exposição individual de Clóvis Graciano. A palestra intitulada "Em torno da pintura" repercutiu na imprensa e trouxe

---

[illegible] e Anita Malfatti, como convidados. Com exceção da última, os outros artistas viviam, até então, longe do público e da crítica. Tanto disso é que na inauguração do I Salão de Maio, em maio de 1937, não foram convidados a participar. Essa situação iria se alterar a partir da segunda exposição que fizeram em 1938, enriquecida pelas presenças de Vilanova Artigas, Domingos Toledo Piza, Alfredo Rizzotti, Nelson Nóbrega, Ernesto De Fiori e Portinari (convidado especial). "Foi por essa altura que começaram a se aproximar escritores, artistas e aficionados da arte moderna, como Sérgio Milliet, Paulo Magalhães, Ciro Mendes, Bruno Giorgi, De Fiori e muitos outros" Cf. Paulo Mendes de Almeida, **De Anita ao Museu**, São Paulo, Perspectiva, 1976, p.133.

[38] A polêmica se estende através de artigos na imprensa, sendo registrada também nos seguintes livros de Luís Martins e Sérgio Milliet, respectivamente, **Arte e Polêmica**, Curitiba, Guaíra, 1942; **Pintura Quase Sempre**, Porto Alegre, Globo, 1943. Para maiores informações sobre o assunto, ver Lisbeth Gonçalves, op. cit., e Maria Cecília França Lourenço, **A Maioridade do Moderno em São Paulo, anos 30/40**. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, [illegible].

[39] Cf. Sérgio Milliet, **Diário Crítico** (1940), 2ª ed., São Paulo, Martins, Edusp, 1981, vol I, p.[illegible]

Empenhados os dois em construir "afirmações bem baseadas, mais amorosas de pesquisar do que de concluir"[44]. Dilatando para a produção intelectual o que dissera em 1939 para a produção pictórica, Mário definia a técnica como a combinação do artesanato e dos procedimentos tradicionais adquiridos pelo estudo sistemático, acrescidos pela "técnica pessoal, o processo de realização do indivíduo, a verdade do ser, nascida sempre da sua moralidade profissional. Não tanto o assunto, mas a maneira de realizar o seu assunto"[45].

VI. O perfil dos críticos.

Alguns meses depois do falecimento de Mário de Andrade, ocorrido em fevereiro de 1945, Lourival Gomes Machado entrou novamente no debate promovido pelos críticos de arte a respeito da especificidade da pintura paulista. Com o livro **Retrato da Arte Moderna do Brasil**, o autor pretendia pôr um ponto final no assunto, ou melhor, na forma que vinha sendo tratado pelos críticos. Na condição de um dos expoentes maiores da primeira geração de alunos formada pela Universidade de São Paulo, Lourival procurou se apresentar como o canalizador mais legítimo das demandas de Mário de Andrade, com vistas à superação do amadorismo e do experimentalismo no plano intelectual. Entre os críticos atuantes do período, apenas ele havia sido formado por meio daquela "consciência profissional" que, no entender de Mário, caracterizava tanto a pintura como as ciências sociais feitas em São Paulo. Os outros, em sua maioria egressos do modernismo, por direito, relação, ou casamento, exerciam a crítica de arte em conjunto com outras modalidades de trabalho intelectual, notadamente o jornalismo e a literatura.

---

[44] Idem, p. 8.

[45] Idem, p. [illegible]

Geraldo Ferraz e Luís Martins são, nesse sentido, casos exemplares[10]. Ferraz foi o primeiro crítico modernista a atuar profissionalmente na imprensa paulista. Antes dele, Oswald de Andrade já havia escrito sobre o assunto, mas de forma assistemática. O interesse de Ferraz pelas artes plásticas manifestou-se pela primeira vez no ano de 1927, em decorrência da relação que estabelecera com o artista e arquiteto Flávio de Carvalho, e da leitura da **Revista do Ocidente**, dirigida por Ortega e Gasset. Dada a inexistência no período de um Museu de Arte, aliada no seu caso à ausência de uma escolaridade formal[11], ele teve que substituir a experiência direta das obras pelo contato com sua reprodução na bibliografia parca que podia adquirir nas livre-

---

[10] Geraldo Ferraz e Luís Martins estreitaram seus vínculos quando tinham a mesma idade - 21 anos. Em comum, partilhavam também o pertencimento a uma mesma geração cronológica e o fato de terem se dedicado a [illegible] outras atividades. [illegible] casaram-se com mulheres modernistas: Geraldo Ferraz com Patrícia Galvão e Luís Martins com Tarsila do Amaral. Além disso, inseriram-se no sistema de produção cultural e intelectual paulista na condição de forasteiros. As semelhanças entre eles, no entanto, encerram-se aí. Ferraz foi um [illegible] social e [illegible] geográfico. O primeiro pertencia a uma classe social distinta da [illegible] dos modernistas da primeira geração. [illegible] na década de 20. O segundo, bem nascido, [illegible] e sempre procurou acentuar o aspecto boêmio, carioca, como marcas indeléveis da sua experiência [illegible].

[11] Geraldo **Ferraz** teve uma infância amarga e difícil. [illegible] A partir de então, foi criado por uma tia [illegible] um baixo ano. Com a morte da tia, passou a [illegible]. Ali, descobriu a sua "vocação" [illegible] na tipografia [illegible] para a atividade jornalística. Em 1927 entrou no mundo intelectual [illegible] pelas mãos de [illegible] tro Ferraz do Amaral. Trabalhou primeiro como [illegible] no Diário da Noite [illegible] jornal do [illegible] vidado por Plínio Barreto para trabalhar [illegible] Diários Associados de Assis Chateaubriand [illegible] seu primeiro artigo como crítico de arte [illegible] pela do Rudá [illegible] Geraldo Ferraz [illegible] 1983.

[illegible] das bibliotecas. Até 1924, a única [illegible] com vida, foi a de Lasar Segall.

[illegible] livros avidamente lidos, Ferraz [illegible] tempo em que se informava sobre a história da arte [illegible] as experiências artísticas [illegible] duplamente mediatizada [illegible] por sua filtragem na [illegible] língua [illegible], que podia, na época, entender o espanhol [illegible] uma segunda língua para a [illegible] do período, era ainda [illegible]

[illegible] da vida profissional que [illegible] proporcionaram-lhe o primeiro contato [illegible]. Em 1929, foi designado por [illegible] de redação do Diário da Noite [illegible] com o pianista [illegible] na casa de Tarsila do Amaral. [illegible], Ferraz foi convidado a passar [illegible] o salão principal onde [illegible] adquiridas por Tarsila e seu marido, Oswald [illegible] dos estudos [illegible] de suportar pela [illegible] Oswald passou a lhe [illegible], e surpreendeu-se com seus conhecimentos a respeito da arte moderna.

[illegible] para a entrada de Ferraz no [illegible] e da sociabilidade [illegible] e se abriu. Graças [illegible] "Pau-Brasil" [illegible] dos intérpretes, do [illegible] a década de [illegible], pelas margens [illegible] da Noite [illegible] de Lasar Segall [illegible] vários artigos devidamente assinados sobre eventos e exposições de pintores da época.

Ao longo da década de 30, já casado com a escritora Patrícia Galvão e mergulhado na rotina diária do jornalismo, Ferraz dedicou-se com afinco à crítica de arte. Como jornalista profissional, encontrou espaço na imprensa para veicular as suas opiniões, reflexões e avaliações sobre a pintura não acadêmica da época. Paralelamente, escreveu sobre política e arquitetura. Na condição de repórter, promoveu debates sobre temas candentes, como casamento, divórcio, a psicanálise e seu valor, entre outros. Participou também da organização de eventos importantes ligados às artes plásticas (como os dois primeiros salões de maio, feitos em conjunto com Quirino da Silva em 1937 e 1938, na cidade de São Paulo), prefaciou catálogos de exposições, entrevistou inúmeros pintores.

Até o ingresso de Sérgio Milliet, em 1938, no jornal O Estado de S. Paulo, apenas Geraldo Ferraz exercia com regularidade a crítica de arte, na capital paulista. Mário de Andrade, na direção desde 1935 do Departamento de Cultura, só esporadicamente, como afirma Paulo Mendes de Almeida, dedicava-se ao assunto de artes plásticas (altas [illegible] mais 'dado' e prati[illegible] seu regresso do Rio para São Paulo, em 1941). Sérgio Milliet, viajando constantemente para o Exterior, estava mais preso à literatura e às questões econômicas, somente vindo a se interessar de forma sistemática pelas artes plásticas, depois de 1933[72]. Luís Martins, por sua vez, apesar de ter chegado a São Paulo em 1933, enturmara-se na legenda de Tarsila do Amaral, e ainda não tinha uma seção diária na imprensa. Lourival Gomes Machado, por outro lado, apenas se lançaria como crítico em maio 1941, através da revista Clima.

---

[72] Cf. Paulo Mendes de Almeida. De Anita ao Museu. [illegible] transcreve um depoimento de Sérgio Milliet, onde ele afirma que até 1933 "nunca me interessara particularmente pelas artes plásticas [...] Conheci Flávio de Carvalho, [illegible] e [illegible] [...] A partir do 1º Salão de Maio, já em [illegible] e para [illegible] a [illegible]

Na ausência de publicações especializadas e de críticos também especializados, a crítica de arte no período era veiculada basicamente através da imprensa diária e, secundariamente, nas revistas culturais. O jornal era o órgão central para os críticos divulgarem suas opiniões, reflexões, análises e comentários sobre as artes plásticas. Os livros que editavam nesta área eram, quase sempre, coletâneas de artigos publicados primeiro na imprensa. Neste contexto de baixa institucionalização da atividade intelectual, onde o diploma de advogado conferia quase um passaporte imediato para o exercício de atividades várias no campo cultural e jornalístico, não era necessário ainda deter um conhecimento amplo e simultaneamente específico, para habilitar-se à crítica de arte. Este era adquirido no decorrer do itinerário crítico de cada um dos praticantes desta modalidade de trabalho simbólico.

Tributária do gênero literário então dominante, ela era basicamente uma crítica de rodapé. Daí o seu caráter indelével de crônica de circunstância. Uma entre várias outras atividades culturais, literárias ou jornalísticas, feitas por seus praticantes. O exemplo mais contundente, nesse sentido, é dado por Luís Martins[11]. Lei-

---

tentando penetrar os segredos dessas artes, cheguei mesmo a espaçar meus encontros com meus amigos literatos'.

[11] O mais velho dos sete filhos de Carmelita Rodrigues Martins e de Candido Caetano Martins, Luís Martins teve uma infância tranquila e privilegiada. Não partilhou de problemas maiores que aqueles próprios de uma família de classe média carioca bem situada da época. Seu avô paterno foi médico de vasta clientela no Rio de Janeiro; e seu pai, funcionário da Companhia de Seguros Previdência, [illegible] sabia. 'Sem ser propriamente rico, ele era o [illegible]

tor de jornal e de literatura desde cedo. Teve poemas editados na adolescência. Seu primeiro livro de poemas, [illegible] 19 anos e publicado em 1928, abriu-lhe as portas, jornalísticas e intelectual do Rio de Janeiro. Inicialmente um poeta parnasiano, Martins foi aos poucos se inteirando sobre a poesia e a arte modernas, graças à influência do escritor e jornalista Álvaro Moreyra (1887-1964)[11]. Mas em 1930, quando viu a primeira exposição individual de Tarsila do Amaral no Rio de Janeiro, detestou os seus quadros antropofágicos.

Quatro anos mais tarde, Martins foi oficialmente apresentado a Tarsila. Tinha então vinte e seis anos, havia se formado em direito, trabalhava esporadicamente na imprensa carioca, frequentava com assiduidade a vida noturna e boêmia da Lapa e morava com os pais. Tarsila, com quarenta e sete anos, impressionou-lhe pela beleza e por seu talento. Já eram outras as suas opiniões sobre a arte moderna em geral e sobre a pintura modernista em particular.

Em 1936, Luís Martins mudou-se para São Paulo. A decisão de transferir-se do Rio para a capital paulista, motivada pela apreensão do seu livro **Lapa**, por parte da polícia, foi reforçada pela relação amorosa (longa e tumul-

---

[illegible] "Distrito Federal". Cf. Luís Martins, **Um bom sujeito**, op. cit., p.9.

[11] Após mudar-se de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, Álvaro Moreyra ingressou na redação da **Fon-Fon** e dois anos depois bacharelou-se na Faculdade de Direito da antiga capital federal. De 1913 a 1914, esteve em Paris e viajou pela Itália. [illegible], assumiu a direção da revista **Para Todos**, que publicou desenhos de Tarsila do Amaral, [illegible] de revelar, com destaque, os primeiros poemas de Mário e Oswald de Andrade, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Em 1927, fundou o Teatro de Brinquedo, [illegible] Eugênia Álvaro Moreyra. A residência do casal [illegible] tornou-se um ponto de reunião de artistas e intelectuais [illegible] de passagem pela cidade. Informações [illegible] de Menezes, **Dicionário Literário Brasileiro**, 2ª ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.

[illegible] que estabeleceu com Tarsila. A partir de 1941, passou a escrever sobre artes plásticas, como colaborador regular do **Diário de S. Paulo**, na seção intitulada "Crônica de Arte". Mas antes disto já havia feito sua estréia como crítico. Seu primeiro livro sobre o assunto, **A Pintura Moderna no Brasil**, data de 1937.

Pouco tempo depois de se instalar em São Paulo, Martins tornou-se conhecido nos meios intelectuais e artísticos da cidade pelas polêmicas que travou com Mário de Andrade e, posteriormente, com Sérgio Milliet, sobre a produção pictórica da "família artística paulista", quer em termos de sua fatura quer de seu colorido. Os argumentos utilizados por ele para se contrapor a Milliet, como vimos, revelam bem o estado incipiente da crítica de arte no período. No limite, qualquer um que tivesse um pouco de conhecimento sobre o assunto e muito trânsito no universo jornalístico, artístico e literário da época, podia aventurar-se nessa área. Praticando ao mesmo tempo diversas modalidades do gênero literário (poesia, romance, memória, crônica, ensaios), Martins publicou bastante ao longo de sua trajetória profissional como jornalista. Sua obra totaliza mais de vinte livros, entre os quais cinco sobre pintura.

[illegible] Ainda está por ser feita uma análise mais circunstanciada da trajetória de Luís Martins e de sua posição no campo intelectual e cultural paulista. Seu livro de memórias, op. cit., oferece uma via interessante nesse sentido. Rico em informações sobre os intelectuais, artistas, colecionadores, jornalistas e críticos com os quais Martins conviveu, revela ainda, nas entrelinhas, o ressentimento do autor por não ter conquistado em vida o reconhecimento esperado por sua vasta produção. Daí a sua insistência em [illegible] e seu (aparente) desinteresse pelas posições de poder e de prestígio conquistadas por alguns de seus contemporâneos. "A versatilidade do meu espírito foi - reconheço hoje - bastante prejudicial à solidez, à coerência e ao aperfeiçoamento da minha obra. Numa época de especializações restritas, mas seguras, o meu [illegible] polígrafo é quase um anacronismo. Eu não me fixei em [illegible] porque queria estar em todas. Por curiosidade, por

Enquanto crítico, Luís Martins esteve mais perto da linhagem intelectual representada por Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Geraldo Ferraz. Todos eles escritores e literatos. Lourival Gomes Machado, embora próximo dos modernistas, deles se afasta em vários sentidos. O mais evidente reside no fato de ter se dedicado simultaneamente à crítica de arte e ao ensino da política. Sua atuação nesse amplo domínio foi basicamente modelada por preocupações acadêmicas. Para marcar a sua competência como estudioso da história social da arte brasileira, ele foi aos poucos se distanciando do estilo ensaístico empregado, em 1945, no livro **Retrato da Arte Moderna do Brasil**.

A construção de uma estratégia narrativa mais afinada com a formação sociológica que recebera como aluno e atualizara como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo encontra-se, no seu caso, entrelaçada às experiências intelectuais e culturais que compartilhou com os amigos mais próximos do grupo Clima: Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Antonio Candido, Ruy Coelho e Gilda de Mello e Souza. Empenhados em estabelecer um novo patamar analítico para a crítica de cultura no país, eles se lançaram no cenário cultural paulista com a revista **Clima** que, entre outras coisas, assegurou-lhes a visibilidade necessária para divulgarem a plataforma intelectual e política do grupo e da geração mais ampla a que pertenciam.

[illegible] intelectual que se fazia perceber mundos distantes, com a mesma ansiedade com que per[illegible] prazer, ruas solitárias e outros [illegible]. Tanto na arte como na vida, eu continuaria [illegible] como o [illegible], diletante de ambientes, de Ribeiro Couto" (p.200, grifos meus). Esta [illegible] pares do tempo, no sentido da ostentação de suas qualidades reais ou presumidas, não é suficiente [illegible] o seu [illegible] consentimento. Tal sentimento [illegible] sociológica no fato de que se [illegible] é posse de algo que se deseja para si [illegible] de L'Art. Paris, Éditions du Seuil, 1992, [illegible]

Capítulo II - PLATAFORMA DA GERAÇÃO.

1. Definindo posições.

De meados de 1943 ao início de 1944, **O Estado de S. Paulo** publicou os resultados do inquérito feito com vinte e nove figuras da intelectualidade brasileira, sediadas em sua maioria na capital paulista e situadas na faixa etária dos 23 aos 30 anos. Por meio dessa iniciativa, o jornal buscou circunscrever os pontos de vista e os princípios pelos quais se 'batiam e se norteavam os moços escritores brasileiros, num momento da História em que quase todos os povos do mundo se debatiam numa luta decisiva' - a Segunda Guerra Mundial. O inquérito, coordenado por Mário Neme, visou apurar também o grau de consciência dos participantes a respeito dos 'problemas mais orgânicos da cultura brasileira; o nível e o clima intelectual em que colocavam suas preocupações mais sérias; o tipo de formação cultural recebida, se universitária ou autodidata; e, por fim, o que se poderia esperar deles no campo das ciências, das artes e das idéias'.

Entre os vinte e nove entrevistados representativos da 'geração de moços escritores do Brasil', encontram-se Lourival Gomes Machado, Antonio Candido de Mello e Souza, Ruy Galvão de Andrada Coelho e Paulo Emílio Salles Gomes. Recuperar as questões discutidas por eles nesse inquérito, bem como a forma com que foram apresentados na época, constitui o caminho mais direto para uma primeira aproximação com o conjunto de representações, dilemas e expectativas que modelou o início da atuação intelectual, cultural e política do 'grupo Clima'.

---

(1) Cf. Mário Neme, 'Notícia sobre a "Plataforma da Nova Geração"', **Plataforma da Nova Geração**, Porto Alegre, Globo, 1945, pp. 7-16. Organizado por Mário Neme, este livro reproduz os depoimentos publicados originalmente em **O Estado de S. Paulo**.

Paulo Emílio Salles Gomes, o mais velho do grupo, tinha 27 anos e estava cursando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Um dos fundadores do Clube de Cinema (criado em 1940), ele já se destacava desde o lançamento da revista **Clima**, em 1941, como um dos mais promissores críticos de cinema da cidade. Afora as menções ao "Teatro Popular Maria Zélia" (criado por ele em 1936), à sua estadia por dois anos em Paris entre 1937 e 1939 e ao trabalho que desenvolveu junto à Coordenação da Mobilização Econômica do Brasil (estabelecida com a finalidade de aumentar a produção de borracha amazônica durante a Segunda Guerra), nenhuma referência explícita é feita pelo coordenador do inquérito ao passado político de Paulo Emílio, responsável por sua prisão em dezembro de 1935. Apesar dessa omissão, justificável no contexto repressivo do Estado Novo, o depoimento é construído em termos claramente ideológicos. O mais politizado membro do grupo 'Clima' aproveita a oportunidade do inquérito para defender o socialismo independente e para expor a sua visão do trotskismo, do Partido Comunista, da Rússia e da situação dos grupos de esquerda e de direita no Brasil.

Após indicar o pensamento dos vários grupos em que estavam "divididos os jovens intelectuais da nova geração", e tendo se interessado mais pelo "setor esquerdista" e, neste, pela "sua afirmação original", Paulo Emílio fez as seguintes considerações finais: "Se as personalidades políticas do Brasil, reconhecendo o meu interesse pelos problemas do nosso tempo, pedissem minha opinião sincera sobre sua orientação, eu faria algumas sugestões. Tendo em vista a enorme importância de problemas [illegible] da industrialização, da questão agrária, da legislação [illegible] o, dos quadros dirigentes, da [illegible] de educação, todos na ordem do dia da história contemporânea do Brasil, seria eficaz que seu estudo [illegible] prevalecesse uma atmosfera arejada pela mais ampla discussão. Aos nossos dirigentes, eu sugeriria que contribuíssem para isso com a promulgação de um decreto de anistia e liberdade de imprensa, seguido da liberdade de organização política para as oposições. Às personalidades políticas da oposição, tanto liberal como esquerdistas, eu sugeriria uma linha de reivindicações em relação aos nossos dirigentes que facilitasse a hipótese de uma orientação como a que ficou expressa na sugestão anterior".

Ao enfatizar as questões políticas e ideológicas enfrentadas por sua geração, Paulo Emilio deixa propositalmente de lado o domínio das realizações reservadas a ela no campo literário, artístico e científico. "*Esse conjunto não pode deixar de aparecer como um detalhe, diante do destino político, militar e religioso, de uma juventude chamada a participar do desaparecimento de um Brasil formal e do nascimento de uma nação*"[3].

Enquanto Paulo Emilio afirmava de maneira categórica a preeminência da política sobre a cultura, o mesmo não ocorria no depoimento de Ruy Coelho. Formado em 1941 em Filosofia e, no ano seguinte, em Ciências Sociais, Ruy Coelho estava cursando a Faculdade de Direito e desde abril de 1942 ocupava o cargo de professor de Sociologia da seção do Colégio Universitário. Crítico cinematográfico do **Diário de S. Paulo**, colaborava na revista **Clima**, onde publicou, segundo o coordenador do inquérito, "alguns excelentes ensaios, destacando-se 'Marcel Proust e a nossa época', e 'Da crítica'. Ele tem em preparo sua tese para doutoramento em Filosofia, que versará sobre 'O instinto na teoria de Freud'", arremata Mário Neme[4].

---

[3] GOMES, Paulo Emilio Salles, "Depoimento", **Plataforma da Nova Geração**, op. cit., pp. 292-293, grifos meus.

[4] Idem, p. 151.

Ruy Coelho abre o depoimento com uma questão de [illegible] mais geral: "o grupo biológico situado entre 20 e 30 anos que surgiu agora na vida intelectual brasileira [illegible] constitui uma geração?" A seu ver, o que a define é menos um [illegible] etário e mais o "entrecruzamento das tendências, idéias e concepções de proveniências cronológicas diferentes". Este reparo sociológico serve de fio condutor para situar a sua geração e, ao mesmo tempo, para abordar o problema principal das preocupações do autor na época, qual [illegible] [illegible] investigação científica, [illegible] de uma [illegible] dos valores: o da personalidade humana. Por esta razão, no lugar de uma plataforma, no sentido de um programa de ação futura, Ruy escreve um ensaio. Forma mais apropriada, segundo ele, para desenvolver a questão proposta e mais coerente com o seu modo de pensar [illegible] [illegible] que atravessou esse se apresentou em camadas de consciência sucessivas, através de leituras".

Para afirmar a não separação de suas crenças pessoais da reflexão e do estudo, Ruy Coelho lança mão de uma metáfora [illegible] e, em seguida, destaca a característica [illegible] geração. À declaração de que "não se [illegible] [illegible] idéias como o D. Juan vulgar [illegible] alguns quilos de carne pintada que lhe passam pela frente", segue-se o levantamento dos traços compartilhados com "alguns dos mais brilhantes dentre os meus companheiros de geração". São eles: a busca do conhecimento sistemático, [illegible] profundidade e das opiniões bem fundamentadas, [illegible] [illegible] de tanta imaginação [illegible] riqueza afetiva [illegible] os que nos precederam. Seres perfeitamente [illegible],

---

[illegible] de Mario Neme ao depoimento de Ruy Coelho, *Plataforma da Nova Geração*, op. cit., p. [illegible].

[illegible] "Depoimento", *Plataforma da Nova Geração*, op. cit., p. 241.

[illegible] Idem, p. 241

lemos, namoramos, brincamos, amamos e nos extasiamos como quaisquer moços em qualquer época. Mas não nos parece oportuno o momento para virmos a público contar os nossos casinhos pessoais". A gravidade da situação, desencadeada no plano externo pela Segunda Guerra Mundial e internamente pelo clima repressivo do Estado Novo, impunha, a seu ver, a reflexão séria, o debate que procura solucionar. "*Não há mais lugar para boas pilhérias, para sustos no burguês, para chispadas em automóveis vermelhos*"[7].

A contraposição com os modernistas da primeira leva é transparente no depoimento de Ruy Coelho. Oswald de Andrade em 1941 cunhara o termo "os chato-boys" para designar o grupo da revista **Clima** – numa alusão aberta ao caráter universitário e bem comportado de seus membros – é citado por ele. "Ainda conservo, com carinho, meu caro Oswald de Andrade, um exemplar de **Os Condenados** com uma dedicatória que começa assim: 'Ruy e sua geração vale mais que [illegible] simpático, quase complacente, não impede a mordacidade do comentário que vem a seguir. Afora Mário de Andrade e Sérgio Milliet, que "procuraram aprofundar-se em algum ramo do conhecimento", os demais modernistas viveram, segundo Ruy, "de palpite". Eles acreditavam que a "intuição genial" que os animava era garantia bastante para tudo quanto dissessem sobre qualquer matéria. Imagino a irritação que sentiram quando surgiu um bando de 'chato-boys' que ousaram analisar o que diziam e, suprema afronta, exigir que as opiniões fossem fundamentadas em conhecimentos. É perfeitamente compreensível que o primeiro movimento de boa acolhida e festas se transformasse em desconfiança e amargura quando viram que os peixes não mordiam nos anzóis"[8].

---

[7] Idem, ibidem.

[8] [illegible]

[illegible] é insuficiente, no entanto, para dimensionar o alcance e o impacto da atuação que tiveram na cena cultural paulista.

Com a consolidação do grupo mais expressivo dessa geração no campo intelectual brasileiro, ocorrida na década de 50, alteram-se os termos utilizados por seus integrantes para diferenciá-la daquelas que a precederam. Estes, definitivamente, já não eram mais os mesmos empregados no inquérito patrocinado pelo jornal **O Estado de S. Paulo**. Embora Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza continuassem a enfatizar a amizade partilhada, a referendar a importância do trabalho intelectual conjunto que compartilharam em momentos diversos e decisivos de seus itinerários individuais, e a contestar, às vezes de forma aberta, outras nem tanto, os rumos tomados pela institucionalização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, eles já tinham conquistado espaço, autoria e autoridade intelectual próprios.

II. A recepção dos 'novíssimos'

A contraposição aos modernistas de 22 feita pelos dirigentes da revista **Clima** nos depoimentos que prestaram, entre 1943 e 1944, para **O Estado de S. Paulo**, tem, aos olhos de hoje, um duplo significado. Em primeiro lugar, demarcar espaço com o intuito de promover uma reordenação das posições ocupadas pelos modernistas no campo intelectual e cultural da época e, por tabela, forçar a abertura de novos espaços para os jovens estreantes. O fato de que se conceberam como seus prosseguidores — por "uma questão de inevitável continuidade histórica e cultural" — não deve

---

Antonio Candido, "Depoimento", **Plataforma da Nova Geração**, op. cit., p. [illegible]

[illegible] o caráter inédito do trabalho intelectual que se propunham a realizar, assentado na crítica analítica e na atualização da formação acadêmica e universitária, fortemente impregnada pela influência francesa, aprendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Herdeiros, sem dúvida, do legado modernista, mas empenhados desde cedo em administrar a herança recebida por meio de operações intelectuais e de procedimentos discursivos distintos dos utilizados por seus antecessores. Em segundo lugar, traçam os contornos ainda fluidos da identidade geracional que estavam formulando. Como em todo processo de construção da identidade – seja ela étnica, política ou cultural – esta também se deu de maneira situacional e contrastiva. Enquanto tal, constituiu uma resposta política (no sentido de política cultural e não partidária), e uma "resposta articulada" com as outras identidades intelectuais em jogo, com as quais "formava um sistema". Foi, portanto, "uma estratégia de diferenças"[4].

---

[4] Cf. Manuela Carneiro da Cunha, **Negros Estrangeiros**, São Paulo, Brasiliense, [illegible] p. [illegible]. Assim definida, a identidade [illegible] como uma coisa constante e imutável, e passa a ser pensada a partir de uma "concepção mais adequada do que [illegible] de [illegible] da identidade" (p. [illegible]). Adotando uma [illegible] que compara a identidade a uma variável numa equação", a autora [illegible] sempre da mesma variável [illegible] em função dos valores de outros fatores" (idem). Ainda que a formulação de Manuela destine-se a explicar a construção da identidade étnica, ela me parece pertinente, dado o seu [illegible] simultaneamente preciso, para apreender o processo de formação da identidade [illegible] tomando a [illegible] da história intelectual e cultural brasileira. Para uma visão mais abrangente dos mecanismos simbólicos e dos processos sociais envolvidos na construção da identidade, confira [illegible] de Evans-Pritchard, **Os Nuer**, São Paulo, Perspectiva, [illegible]; [illegible], **L'Identité**, Paris, Grasset, [illegible]; [illegible] Barth, **Los Grupos Étnicos y sus Fronteras**, México, Fondo de Cultura Económica, [illegible]; Roberto Cardoso de Oliveira, **Identidade, Etnia e Estrutura Social**, São Paulo, Pioneira, 1976.

A [illegible] dos modernistas, [illegible] [illegible] analítica [illegible] aos jovens críticos de Cli- [illegible] [illegible] [illegible], eles também manifestaram [illegible] e [illegible] em relação à nova geração; [illegible], [illegible] [illegible] de sua presença. [illegible] [illegible] [illegible] movimento como um todo, [illegible] [illegible] entre os Andrades, Mário e Os- [illegible] [illegible] dos anos 20, ganhou significados novos à [illegible] [illegible] [illegible] a incorporação dos mesmos [illegible] da nova geração.

Na [illegible] de patrono intelectual [illegible] editada em maio de 1941, Mário de Andrade [illegible] para que seus editores se projetassem [illegible] mais amplos que os da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Avalista reticente, Mário, [illegible] sentimentos contraditórios no texto de [illegible] admiração e [illegible] [illegible]. Expressou tanto em relação [illegible] em relação ao desempenho de sua própria geração. "Nunca [illegible] me vi tão indeciso como neste momento" — [illegible] — "em que uma revista de moços me [illegible] a colaboração [illegible] [illegible] estudos especializados [illegible] [illegible] possíveis de escritor. [illegible] das minhas aventuras literárias, aquela [illegible], com que [illegible] de um dos moços que [illegible] artigo e [illegible] de [illegible] sobre a [illegible] do meu país. E confessarei desde logo que [illegible] é de minha geração."

Apesar de tom pouco otimista, Mário reconhece que [illegible] cultural [illegible] um [illegible] pro- [illegible] em várias direções. De um lado, pelo fato

---

[illegible] "Elegia de Abril", [illegible]

No caso de Milliet, a proximidade colocava problemas adicionais. Entretanto, ele foi o que mais rapidamente aceitou a nova geração, não só em termos verbais como através da relação efetiva que estabeleceu com seus membros mais proeminentes. Prova disso reside, como vimos, na maneira como Antonio Candido destaca a sua presença no inquérito promovido pelo jornal O **Estado de S. Paulo**: o precursor que só veio a se realizar e ser plenamente compreendido por sua geração; o intelectual que soube construir [illegible] que uma ponte entre os modernistas de 1922 e os "novíssimos" de 1945.

Mas no começo da década de 40, nem tudo parecia um mar de rosas para Milliet. Antes de Clima surgir, alguém lhe disse que "estávamos preparando uma revista contra ele", conta Décio de Almeida Prado. Embora não houvesse "absolutamente nada nesse sentido" - pois "nunca pensamos em escrever contra ninguém"; ao contrário, "estávamos mais preocupados em nos afirmarmos" - a suspeita ficou no ar. Sérgio Milliet, porém, não foi o único a manifestar a "desconfiança de uma geração mais velha em relação a uma geração mais nova", e a achar "que nós viemos para desbancar os mais velhos, para criticá-los".

Segundo Maria de Lourdes Machado, que se casou com Lourival em 1939, a "turma do Clima", no início, foi "muito mal recebida porque os intelectuais da geração mais antiga, como Oswald de Andrade, Sérgio Milliet e Luís Martins [illegible] do pedaço. E eram autodidatas. Então, quando surgiram aqueles universitários, eles ficaram com medo, porque poderiam saber que eles não sabiam. Mas o Sérgio Milliet, por exemplo, sabia muito mais do que qualquer um com formação universitária".

[illegible] Entrevista que Décio de Almeida Prado concedeu à autora em 11 de junho de 1991.

Muitos anos depois, Luis Martins [illegible] universitária, do "grupo Clima" - "de formação universitária", "não havia novidade no Brasil" - em termos mais adiantados [illegible] entre aqueles jovens, um contista, um romancista, [illegible] poeta [illegible] conheci e achei-os extremamente simpáticos, cordiais e muito bem educados. [illegible] remanescente da boêmia "geração [illegible]", [illegible] deixar de surpreender o quase escandaloso [illegible] severidade, o severo bom comportamento daqueles rapazes [illegible] aparentemente, nenhum deles bebia em [illegible] nada! Eram todos [illegible] tônicos. Mais tarde, tendo maior convivência com alguns deles, teria ocasião de verificar que isto [illegible] o único verdadeiramente abstêmio do grupo [illegible] naquele tempo, as nossas relações eram apenas cordiais, sem qualquer intimidade".[18]

Numa tarde dos idos anos de 1940, Luis Martins estava em uma das confeitarias da Rua Barão de Itapetininga, talvez a Vienense ou a Seleta, "bebericando" em companhia do cronista Rubem Braga, quando "entraram os rapazes de Clima". Após os cordiais cumprimentos, eles sentaram-se em uma mesa próxima à de Martins e de Braga. Pediram chá, refrescos e um doce, "para escândalo" dos dois escritores, "encomendou ao garçom uma coca-cola". [illegible] uma observação qualquer [illegible] e, Martins, [illegible] "que quer, você, meu [illegible] é a geração coca-cola"? A piada espalhou-se e [illegible] chegou a comprometer a sua relação com o [illegible] em 1944 ele foi convidado a publicar no último número da revista Clima (editado em novembro daquele ano), [illegible]

---

17. [illegible] que Maria de Lourdes [illegible] em 28 de abril de 1991.

18. Cf. Luis Martins, Um Bom Sujeito, op. cit., p. [illegible]

19. [illegible]

[illegible] do livro que estava escrevendo na época, O [illegible] [illegible]".

III. Oswald de Andrade e os "chato-boys".

Ao contrário de Luís Martins, Oswald de Andrade [illegible] esperar três anos para ser convidado a [illegible] no Clima. Ou melhor, para enviar aos seus editores um [illegible] sobre o filme **Fantasia**, de Walt Disney (tema [illegible] número da revista), publicado em outubro [illegible]. [illegible] emitir suas opiniões sobre a fita, ele fez um [illegible] sobre a nova geração: ela não só lia [illegible] três [illegible], como tinha Spengler no intestino [illegible], [illegible] e [illegible], perdia muitas coisas. A imagem [illegible], como atestam os depoimentos prestados [illegible] O Estado de S. Paulo, transcritos no início do capítulo. Mas os jovens, além de comportados e universitários, tinham humor e, por isso, a divulgaram na revista. [illegible], nunca mais se livraram da alcunha que [illegible]: "os chato-boys".

Com o passar do tempo e com o estreitamento da amizade que mantiveram com Oswald de Andrade, o termo perdeu a conotação de origem. No lugar da acidez inicial, ganhou o [illegible] de brincadeira. Constantemente lembrado [illegible] depoimentos que os membros do grupo

---

[illegible] passagem do seu livro de memórias, op. cit., Luís Martins [illegible] que teve [illegible] "Clima", durante o II Congresso Brasileiro de Escritores, [illegible], no ano de 1947, [illegible] a cidade, [illegible] de capital mineira. Além da presença de [illegible] e de Rodrigo Mello Franco que só se revelaram "boêmios" [illegible] mais divertidos do grupo [illegible] os antigos chato-boys da "geração [illegible]": Antonio Candido e Décio de Almeida Prado. O primeiro, [illegible] cantando canções francesas [illegible] de ponto [illegible], uma admirável perfeição e de [illegible]" p. 131.

Clima" durou ao longo da vida, parece servir mais para retratar o escritor do que a eles mesmos. Visto que [illegible] com o passar do tempo, tornaram-se, eles próprios, os intérpretes mais autorizados do modernismo brasileiro e, por tabela, de seus maiores protagonistas, Mário e Oswald.

O início da relação da "turma do Clima" com os Andrades remonta ao ano de 1939. Mas antes disso, dois de seus membros já partilhavam uma certa intimidade com eles: Paulo Emílio Salles Gomes e Gilda de Mello e Souza. O primeiro se ligara a Oswald em 1935, por ocasião da montagem da revista de um número só, **Movimento**, editada em conjunto com seu maior amigo dos tempos de adolescência, Décio de Almeida Prado[11]. Gilda, por sua vez, possuía mais do que uma ligação de consangüinidade com Mário. Ao mudar-se de Araraquara para São Paulo, em 1931, com a finalidade de completar seus estudos secundários, Gilda morou na casa de sua tia-avó, Maria Luísa Leite de Moraes Andrade - mãe de Mário - saindo de lá em 1943, para se casar com Antonio Candido[12].

As relações dos membros do "grupo Clima" com Mário e Oswald foram distintas. Com o primo de segundo grau de Gilda, mostraram-se muito mais formais do que com o amigo mais velho de Paulo Emílio. Segundo Décio de Almeida Prado, "nós tínhamos mais relação pessoal com Oswald; ficávamos mais à vontade com ele, porque achávamos que não havia uma diferença muito grande de cultura entre ele e nós. Já o Mário de Andrade tinha uma cultura muito maior e era muito mais ambicioso. Oswald fazia muita brincadeira e que nós líamos muito bem. Mas tínhamos mais respeito pelo Mário porque ele era, vamos dizer assim, um universitário antes que houvesse a Universidade. Ele tinha muito esse espírito e era considerado, mesmo entre nós, a primeira figura da literatura moderna". Gilda corrobora essa observação de Décio: "Nós éramos mais pelo Mário do que pelo Oswald, pela noção que ele tinha de intelectual dentro da coletividade. Éramos muito mais parecidos com as coisas que Mário escrevia e fazia do que com Oswald (...) [illegible] Paulo Emílio que tinha mais afinidade com ele"[17].

---

[11] A descrição mais detalhada dessa revista e da participação de Paulo Emílio encontra-se no quarto capítulo da tese.

[12] Informações tiradas do artigo de Gilda de Mello e Souza, "A lembrança que guardo de Mário", Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, USP, n. 36, 1994, pp. 9-25.

Considerando-se um discípulo de Oswald, mas do tipo que está sempre contrariando o mestre, Paulo Emílio facilitou a aproximação do grupo com o escritor modernista, casado, na época, com uma das alunas da Faculdade de Filosofia, Julieta Bárbara. Por esta razão, "ele estava sempre rondando a Faculdade"[18]. Um motivo a mais para que Antonio Candido se ligasse a ele. Em suas palavras, "fui mais amigo e íntimo de Oswald do que de Mário. Eu fazia muita cerimônia com Mário de Andrade. E ele morreu logo, em 1945. (...) Através do contato com estes dois homens, pude ter a experiência da amizade, não íntima, mas uma certa convivência com dois homens de uma envergadura realmente espantosa! Isto foi um privilégio"[19].

---

[17] Trechos da entrevista feita por Andréa Alves com Décio de Almeida Prado, Gilda de Mello e Souza e Antonio Candido, no dia 11 de maio de 1991, reproduzida em sua monografia de graduação, *Sociologia e Clima: dois caminhos, um debate*, Rio de Janeiro, Dep. de Ciências Sociais, UERJ, 1991, p.15. Agradeço à autora pela extrema gentileza de ter me enviado essa entrevista pelo correio.

[18] Citação retirada da entrevista que Décio de Almeida Prado concedeu a Andréa Alves, op. cit.

[19] Trechos da entrevista concedida por Antonio Candido, em setembro de 1987, ao Museu da Imagem e do Som, com a participação de [illegible] [illegible], Alexandre Eulálio, Celso Lafer e José [illegible].

ções que São Paulo já viu. E São Paulo conhece grandes coisas[112].

Com esses elogios rasgados o escritor modernista expressava o seu reconhecimento pela "glória da estréia do Grupo Universitário que montou Gil Vicente às alturas das intenções quinhentistas"[113]. [illegible] à parte, ele não perdeu, contudo, a oportunidade para explicitar mais uma vez a sua ironia em relação à formação sociológica dos dirigentes do grupo. O incômodo sentido por Oswald, para além das idiossincrasias de sua personalidade avassaladora, sinalizava um aspecto mais geral das transformações em curso no campo intelectual do período, desencadeadas pela fundação da Universidade de São Paulo.

A introdução de novas maneiras de conceber e praticar o trabalho intelectual, promovida por essa instituição e sinalizada por seus integrantes, chocava-se com o padrão dominante das carreiras intelectuais da época, construídas na intersecção do jornalismo, da política, da literatura e da vida mundana. Oswald não foi o único, portanto, a manifestar sentimentos ambivalentes - de recusa, desconfiança, ressentimento, surpresa e admiração - frente à mentalidade universitária, especializada e profissional que estava sendo construída no período, por meio da presença dos professores estrangeiros e da atuação da nova geração de críticos de cultura - "a novíssima", como queria Milliet - oriunda da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

---

112. Cf. Oswald de Andrade, "Diante de Gil Vicente", Ponta de Lança, 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972, pp. 65-66, (reprodução do artigo publicado, em 1944, n'O Estado de S. Paulo).

113. Idem, p. 66.

IV. A Faculdade de Filosofia, os franceses e o "grupo Clima".

A fundação da Universidade de São Paulo em 1934 ocorreu no interior de um contexto intelectual mais amplo de interesse renovado pelo Brasil que se expressou nos mais variados setores da vida cultural do país: na instrução pública, nas reformas do ensino primário e secundário, na produção artística e literária, nos meios de difusão cultural e, sobretudo, na ênfase posta no conhecimento do país. "O Brasil começou a se apalpar"[124]. A realidade brasileira tornou-se o conceito-chave do período, encarnando-se nos estudos histórico-sociológicos, políticos, geográficos, econômicos e antropológicos. Pautados por um frenesi de reinterpretar o passado nacional, de interpretar e diagnosticar o presente, tais estudos foram veiculados principalmente através das coleções **Brasiliana** e **Documentos Brasileiros**, editadas respectivamente em São Paulo e no Rio de Janeiro[125]. Ao mesmo tempo em que o mercado editorial acolhia uma parte significativa desses estudos, criava condições para que vários escritores se tornassem profissionais da literatura[126].

---

[124] Expressão usada por Antonio Candido para caracterizar o clima intelectual dos anos 30, na entrevista que concedeu, em agosto de 1987, à equipe de pesquisadores vinculada ao projeto da História das Ciências Sociais no Brasil, desenvolvido no IDESP, sob a coordenação de Sérgio Miceli.

[125] Para uma análise mais particularizada destas coleções, em termos dos assuntos e dos autores editados, das editoras e dos editores que as publicaram, ver Heloisa Pontes, "Retratos do Brasil", **História das Ciências Sociais no Brasil**, op. cit., vol. 1, pp. 359-409.

[126] Para uma análise densa da gênese desse grupo de romancistas profissionais, de seu perfil, dos recursos simbólicos e materiais, das estratégias e da situação familiar e social [illegible]

[illegible] sinal pequeno de que o campo intelectual estava em vias de sofrer um complexo processo de diversificação interna, sem precedentes na história brasileira, foi emitido em São Paulo pela atuação dos educadores que integravam o movimento de renovação educacional da Escola Nova. Em conjunto com o grupo dirigente do jornal **O Estado de S. Paulo** lançaram as bases do projeto da Universidade de São Paulo, implementado na década de 30 graças à contribuição dos intelectuais franceses[127]. Os últimos forneceram não apenas "o modelo e a concepção da universidade como conferiram maior legitimidade e força às reivindicações dos educadores"[128].

A missão francesa que se integrou à Universidade de São Paulo[129] deve ser entendida, por um lado, como um desdobramento do intercâmbio cultural entre o Brasil e a França[130] (intensificado com a criação, em 1921, do Liceu

---

[126] [illegible], ver Sergio Miceli, **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil**, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1979, pp.[illegible].

[127] A esse respeito, ver Fernando Limongi, **Educadores e Empresários Culturais na Fundação da USP**, Dissertação de mestrado, IFCH, UNICAMP, 1988 e Irene Cardoso, **A Universidade da Comunhão Paulista**, São Paulo, Cortez, 1982.

[128] Cf. Fernando Limongi, "Mentores e Clientela da Universidade de São Paulo", **História das Ciências Sociais no Brasil**, op. cit., vol. 1, p.[illegible].

[129] A missão francesa na Universidade de São Paulo foi composta pelos historiadores, Emile Coornaert, Jean Gagé, Fernand Braudel e Emile G. Léonard; pelos cientistas sociais, Paul Arbousse-Bastide, Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Georges Gurvitch, Charles Morazé; pelos geógrafos, Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Roger Dion, Pierre Gourou; pelos filósofos, Etienne Borne, Jean Maugüé, Gilles G. Granger, Martial Guéroult; pelos economistas, François Perroux, René Courtin, Pierre Fromont, Paul Hugon. Para uma análise mais circunstanciada desse grupo, ver Fernanda Peixoto Massi, **Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo**, Dissertação de mestrado, Dep. de Antropologia, UNICAMP, 1991.

Franco-Brasileiro)[138] e, por outro, como uma conseqüência da aliança entre educadores profissionais e liberais oposicionistas, articulados em torno de Júlio de Mesquita Filho. Enquanto os franceses chegaram a São Paulo para dar vida a um projeto para cujo formato, teor e direção, eles supostamente poderiam e deveriam contribuir; no Rio de Janeiro (para a criação da Universidade do Distrito Federal, fechada no início do Estado Novo), eles se fizeram presentes por vias oficiais, com autorização direta de Vargas e com a exigência básica de serem ligados à Igreja, para dar conta de um trabalho docente no âmbito de uma universidade sob controle confessional muito mais rígido e estrito[139]. A estadia desses professores na antiga capital federal, além de curta, teve um "impacto intelectual mais modesto do que aquele exercido pela missão francesa na USP"[140].

Em São Paulo, ao contrário, a contribuição dos professores franceses foi decisiva para a implantação e consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras[141] e, mais, para impulsionar a ruptura com a mentalidade jurídica vigente nos centros tradicionais de ensino superior do país, de onde até então saía 'boa safra de figuras de destaque nas carreiras intelectuais não científicas, em especial literárias'[114]. Por serem 'treinados nas regras e cânones da competição acadêmica européia', empenharam-se em instituir aqui 'um elenco de procedimentos, exigências e critérios acadêmicos de avaliação, titulação e promoção'[115].

---

[138] O Liceu Franco-Brasileiro foi fundado por Júlio Mesquita, Ramos de Azevedo, Alfredo Pujol, Alves Lima, Georges Dumas, entre outros, "para dar a São Paulo um colégio modelo, em que a cultura francesa pudesse expandir-se, mostrando aqui um índice de civilização latina". Cf. Antônio de Almeida Prado, Escolas de Ontem e de hoje (reminiscências e sugestões), São Paulo, Anhembi, 1961, p. 225. Ainda segundo o autor, "Júlio Mesquita foi muito chegado a Georges Dumas, e por isso [illegible] a essa instituição, razão pela qual o seu [illegible] de S. Paulo, [illegible] foi [illegible] pelo [illegible] no [illegible] de seus cargos de alta direção" (p. 211). Ver também Guy Martinière, Aspects de la coopération franco-brésilienne, Paris, 1982.

[139] A esse respeito, ver Simon Schwartzman et alii, **Tempos de Capanema**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

[140] Cf. Maria H. T. Almeida, "Dilemas da institucionalização das ciências sociais no Brasil", op. cit., p. 194.

[141] A esse respeito, ver Paulo Arantes, **Um Departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana**,

Não devemos minimizar, entretanto, o fato de que os franceses que vieram para a Universidade de São Paulo eram, conforme Fernanda Peixoto, "jovens em início de carreira, principalmente aqueles que chegaram antes da guerra - como Jean Maugüé, Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig e Roger Bastide. Ainda que entre eles se encontrassem doutores, com livros publicados e carreiras em faculdades, não possuíam maior projeção no meio intelectual francês: davam aulas em liceus ou em faculdades fora de Paris, ou ficavam nas regiões em que lecionavam"[116].

O Brasil representava para eles a possibilidade de ascensão na carreira acadêmica, além de oferecer ao grupo de cientistas sociais uma especialização temática original. Como professores e pesquisadores procuraram construir aqui um sistema de produção intelectual, universitário e acadêmico, sem raízes fortes na tradição brasileira. A juventude dos professores franceses somava-se à da Universidade e de seus alunos. Decepções, entusiasmos,

---

Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, e Fernanda Peixoto Massi, op. cit.

[115] Cf. Sergio Miceli "Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais", História das Ciências Sociais no Brasil, op. cit., vol. 1, p. [illegible]

[illegible]

[116] Cf. Fernanda Peixoto Massi, "Franceses e Norte-Americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)", História das Ciências Sociais no Brasil, op. cit., vol. 1, p.425.

> alunos que manifestavam uma ignorância total quanto ao passado mas que mantinham sempre um avanço de alguns meses, em relação a nós, quanto à informação. Todavia, a erudição, para a qual não sentiam vontade nem tinham método, parecia-lhes, apesar de tudo, um dever (...) **Cada um de entre nós (os professores) avaliava a sua influência pela importância da pequena corte que organizava à sua volta. Estas clientelas travavam entre si uma guerra de prestígio de que os professores preferidos eram os símbolos, os beneficiários ou as vítimas.** Isto traduzia-se pelas homenagens, isto é, pelas manifestações em honra do mestre, almoços ou chás oferecidos em virtude de esforços que se tornavam ainda mais comoventes porque pressupunham privações reais. As pessoas e as disciplinas flutuavam ao longo dessas festas como valores da bolsa, em função do prestígio do estabelecimento, do número de participantes, da categoria das personalidades mundanas ou oficiais que aceitavam participar.

A avaliação de Lévi-Strauss, ácida e impiedosa pode ser lida, hoje, numa chave diversa da intenção do autor, menos como fonte primária a revelar a situação da Faculdade de Filosofia na época e mais como expressão dos sentimentos tumultuados do professor e antropólogo iniciante formado em outro sistema de pensamento e de trabalho e frente ao que encontrou por aqui. Pois se é certo que toda carreira etnológica para ser bem sucedida exige dos que a ela se entregam, profissional e intelectualmente, um movimento prévio de relativização das noções, concepções, valores arraigados, enfim de tudo que conforma o universo cultural do pesquisador, com vistas à compreensão de outros sistemas simbólicos e sociais, distintos e muitas vezes opostos aos do antropólogo, é certo também que inúmeras são as dificuldades que se interpõem na realização desse em-

---

Ibid. idem, p. 98, grifo meu.

preendimento. Lévi-Strauss não é uma exceção à regra. Apesar da obra absolutamente genial que produziu, cuja envergadura intelectual o torna um dos grandes pensadores deste século, ele não foi capaz de traduzir a sua experiência na Universidade de São Paulo no mesmo registro analítico que construiu para dar conta dos objetos etnológicos contemplados ao longo de sua trajetória.

Suas observações sobre os estudantes e o sistema de ensino brasileiro, ainda que corretas do ponto de vista etnográfico, deixam entrever todo um lado incontido do seu 'pré-conceito' em relação à situação que encontrou na recém-instalada Faculdade de Filosofia. Elas sugerem que talvez seja mais fácil para os antropólogos - formados nos centros de produção dos paradigmas dessa disciplina - explicar as sociedades indígenas, verdadeiramente outras em relação à Europa, do que aquelas, como a brasileira, que são a um só tempo prolongamento e negação do Velho Mundo[143]. Sobretudo quando se trata de analisar um grupo muito particular dessas sociedades: o dos intelectuais.

A dificuldade de Lévi-Strauss em apreender o que se passava no Brasil em termos de um sistema intelectual distinto culturalmente do seu, não se reduz a uma questão de idiossincrasia pessoal. Reside antes nos obstáculos, afetivos e epistemológicos, que precisam ser transpostos para se entender culturas, sociedades e grupos distintos dos nossos. O maior deles talvez seja relativizar a lógica de compreensão que organiza a nossa apreensão do mundo. Se Lévi-Strauss foi longe na explicação do universo simbólico das sociedades indígenas, parece ter falhado na compreensão do nosso mundo intelectual. Seu depoimento pode ser lido, portanto, como uma expressão condensada da fala nativa, neste caso européia, em termos do impacto e decepções

---

[143] A esse respeito, ver Laura de Mello e Souza, O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

Capítulo III - REVISTA CLIMA.

1. Dividindo o trabalho intelectual.

Criada pelo grupo mais expressivo de alunos das primeiras turmas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Clima foi patrocinada, de início, por Alfredo Mesquita (1907-1986) que desde meados da década de 30 vinha tentando inovar a dramaturgia paulista, como crítico e diretor de teatro[1]. Formado em Direito em 1932, Alfredo frequentou também uma série de cursos na recém-criada Faculdade de Filosofia. Ali travou os primeiros contatos com os futuros produtores da revista. Como relembra Décio de Almeida Prado, "*a nossa aproximação com Alfredo foi devida ao teatro. Ele tinha um grupo de teatro amador e nos convidou, em 1939, para representar a peça* Dona Branca, *de sua autoria, e a Gilda para fazer um artigo para o programa. A partir daí, ele foi aos poucos se aproximando do nosso grupo*"[2].

Atuando como uma espécie de patrocinador do grupo, Alfredo Mesquita, dada a sua condição social e cul-

---

[1] Alfredo Mesquita começou como crítico de teatro no jornal **O Estado de S. Paulo** (dirigido por seu irmão Júlio de Mesquita Filho, um dos criadores da Universidade de São Paulo), por ocasião das temporadas francesas na capital paulista entre 1938 e 1939. A partir de 1939, começou a reunir à sua volta pessoas interessadas em fazer teatro amador: as intérpretes Marina Freire e Irene de Bojano, a [illegible] Chinita Ullmann, o pintor Clóvis Graciano (que será o cenógrafo oficial do teatro amador paulista na década de 40), o ator Abílio Pereira de Almeida e alguns estudantes da Faculdade de Filosofia, como Décio de Almeida Prado e Gilda de Mello e Souza. Cf. Décio de Almeida Prado, "Alfredo Mesquita, visto de um ângulo 68"; **Peças, Pessoas e Personagens**, op. cit., pp. 150-155. Ver também o depoimento de Alfredo Mesquita, "No tempo da Jaraguá", publicado no livro de homenagem a Antonio Candido, **Esboço de Figura**, São Paulo, Duas Cidades, 1979.

[2] Trecho da entrevista que Décio de Almeida Prado concedeu a Maria Cavalcante, em 1976, op. cit., p.216.

[illegible] formação, [illegible] o impulso inicial que seus membros precisavam para tornar públicas as suas idéias. "[illegible] tempo que precisávamos de dizer e fazer alguma coisa [illegible] campo da cultura, [illegible] com eles uma revista que [illegible] de oportunidade para se afirmarem e [illegible] para se manifestarem (...) Sem ele, acho que nossa revista [illegible] feito a revista", declarou Antonio Candido. O mais provável, no entanto, é que a teriam feito de qualquer maneira. Mas é certo também que Alfredo Mesquita [illegible] financiar os primeiros números [illegible].

A idéia da revista surgiu no final de 1940, a partir de conversas travadas entre Lourival Gomes Machado (que [illegible] assistente do professor [illegible]) e Antonio Candido (que [illegible] assistente de [illegible] Sociais). A princípio, eles pensavam em editar uma publicação pequena, de circulação restrita, provavelmente mimeografada, para "dar vazão à produção do grupo". Com o encerramento do ano letivo de 1940, Candido saiu de férias e foi para casa de seus pais em Minas Gerais. Lourival permaneceu em São Paulo e [illegible] o projeto do amigo. [illegible] Alfredo Mesquita que, de imediato, mostrou-se disposto a [illegible] no lugar de uma revistinha mimeografada, [illegible] de uma publicação mais [illegible]. Juntos escreveram cartas para os amigos mais próximos de Lourival que estavam passando as férias longe de São Paulo: Décio de Almeida Prado, [illegible]; Gilda de Mello e Souza, [illegible]; Ruy Coelho, em Campos do Jordão; Antonio Candido, em Poços de Caldas; Paulo Emílio Salles Gomes, não sabemos onde. Eles foram comunicados à distância

---

7. Cf. Antonio Candido, "Clima", Teresina etc., op. cit., p. 154.

8. Idem, ibidem.

sobre a data provável da estréia da revista e sobre as seções que ficariam encarregados de produzir.

De volta a São Paulo, todos se concentraram na organização da publicação, que já estava em andamento, inclusive com os anúncios que deveriam assegurar a sua base material. "*Suamos para encontrar um nome, afinal descoberto por Lourival, autor do projeto da capa e diretor por sugestão de Alfredo, com apoio de todos nós*"[4], explica Antonio Candido. "*Nós passávamos os dias sugerindo os nomes mais idiotas possíveis: 'Revista Paulista de Cultura', 'São Paulo para o Brasil', essas bobagens todas. Até que Lourival sugeriu o nome Clima*"[5]. Gilda de Mello e Souza corrobora a informação de Candido e acrescenta que, no início de 1941, quando estavam saindo da Confeitaria Seleta (situada na Rua Barão de Itapetininga, nas imediações do Teatro Municipal), pararam em frente da vitrine de uma loja que ostentava "*um enorme cartaz de vilegiatura, escrito com letras bem grandes, em francês, Climat. Lourival apontou o local e disse: - olha o nome da revista*"[6].

Definidos o título, o diretor responsável (Lourival Gomes Machado), os editores encarregados das seções permanentes (Antonio Candido, literatura; Lourival, artes plásticas; Paulo Emilio Salles Gomes, cinema; Décio de Almeida Prado, teatro; Antonio Branco Lefèvre[7], música;

---

5. Idem, p.155.

6. Trechos da entrevista que Gilda de Mello e Souza e Antonio Candido concederam à autora no dia 31 de maio de 1995.

7. Antonio Branco Lefèvre (1916-1981) formou-se em 1941 pela Faculdade de Medicina da USP. Em 1944, passou um ano no Rio de Janeiro, preparando sua tese de doutoramento sob a orientação do professor francês André Ombredanne, regente da Cadeira de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia. De volta a São Paulo em 1945, concentrou seus interesses profissionais na área de neurologia infantil, especialidade até então inexistente no país. O trabalho pioneiro que exerceu como chefe do setor de Neurologia Infantil do Hospital das Clínicas, como pesquisador e docente da Faculdade de

Roberto Pinto Souza, economia e direito; Marcelo Damy de Souza, ciência⁷) e os colaboradores (como Gilda de Mello e Souza, Ruy Coelho, Cícero Christiano de Souza), entre

---

Medicina da USP e como clínico, garantiu-lhe um lugar de destaque na medicina brasileira. Em 1950, tornou-se livre docente com a tese **Contribuição para a padronização do exame neurológico do recém-nascido normal**. Em 1976, tornou-se professor titular, por concurso, da primeira Cadeira de Neuropediatria do país, ministrada na Faculdade de Medicina da USP. Esse evento consagrou a sua trajetória como médico e pesquisador na área que ele ajudou a fundar e a consolidar no Brasil. Ao lado de sua atuação como médico e professor, Lefèvre manteve até o fim da vida um interesse particular pela música. Sua ligação com o grupo da revista **Clima**, onde atuou como crítico titular da seção de música, data de seus tempos de estudante de Medicina quando frequentou, como ouvinte, alguns cursos da Faculdade de Filosofia. No início dos anos 50, fundou o "Clube Prokofieff", círculo de intelectuais que se reunia para ouvir e falar de música. Dessas sessões musicais participavam dois dos antigos colaboradores na área de música de **Clima**, Alvaro Bittencourt e Alberto Soares de Almeida (que por muitos anos exerceu o cargo de Diretor da Sociedade de Cultura Artística), além de Alfredo Rosenthal, Júlio Gouveia, Tatiana Belinky, entre outros. Homem de ciência e de cultura, Lefèvre foi militante do Partido Comunista, durante o período de redemocratização do país que teve lugar após o fim do Estado Novo. (Informações obtidas no artigo 'Lefèvre, o médico, o homem', publicado no jornal **O Estado de São Paulo**, em 11 de julho de 1982, onze meses depois do seu falecimento, ocorrido em agosto de 1981).

6. Roberto Pinto de Souza, encarregado da seção de economia e direito [illegible] Gomes Machado, foi professor catedrático da Cadeira de Economia e Política na Universidade de São Paulo e Diretor da Fundação Armando Álvares Penteado. Marcelo Damy de Souza Santos, formado pela primeira turma da Faculdade de Filosofia, especializou-se em física nuclear e física dos nêutrons.

7. Quando começou a colaborar na seção de ciência da revista **Clima**, Cícero Christiano de Souza já havia se formado em medicina. Seu interesse pela psicologia levou-o a cursar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde se formou em Filosofia, no ano de 1939. Em 1942, doutorou-se nessa mesma instituição com a tese 'Introdução ao estudo de alguns problemas metodológicos da Psicologia', orientada por Jean Maugüé. Em 1945, tornou-se regente da Cadeira de Psicologia da Escola de Sociologia e Política. Em 1956, prestou concurso para a Cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia da USP, apresentando-se com a tese 'Contribuição ao estudo da gênese dos traços psicológicos'. Apesar de ter sido [illegible] primeiro lugar, obteve o título de livre-docente nessa área. Faleceu em [illegible]. Infor-

[illegible] A revista circulou de maio de 1941 a novembro de 1944. No decorrer dos seus 16 números, firmou-se sobretudo como uma publicação cultural.

A divisão do trabalho intelectual instituída entre os editores de **Clima** amarrou, segundo Antonio Candido, o destino de cada um na seção de que era candidato"[10]. Até o lançamento da revista, explica Décio de Almeida Prado, "nós ainda estávamos no começo quase que absoluto. Eu, por exemplo, não pretendia ser crítico de teatro; pretendia primeiro ser escritor, depois professor de filosofia (que fui durante algum tempo). Nesse período é que comecei a perceber que Lourival tinha uma vocação para as artes plásticas, através de conversas e também pelo fato dele ir mais às exposições, comentar mais, falar mais sobre arte. [illegible] escreveu nada antes do **Clima**, como eu também não escrevi nada sobre o teatro antes do **Clima**, como Antonio Candido não escreveu nada sobre literatura e nem o Paulo Emilio sobre cinema"[11].

[illegible] e no início sem muita unidade editorial, a revista [illegible] mostrar os resultados da formação intelectual que seus editores e colaboradores mais próximos tinham recebido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Escrevendo sobre modalidades variadas da crítica de cultura, eles davam visibilidade à nova mentalidade universitária que estava sendo definida pela Universidade de São Paulo. Mas em lugar de fazerem uma crítica apoiada apenas na discussão de posições teóricas, centraram-se principal-

---

dados obtidos em Carlos Lacaz e Berta [illegible], **A Faculdade de Medicina e a USP**, São Paulo, EDUSP, [illegible], pp.111-112.

10. Frase de Antonio Candido retirada da entrevista que ele concedeu [illegible] de 1987.

11. Trecho da entrevista que Décio de Almeida Prado concedeu à autora, [illegible]. Vale a pena registrar que [illegible] os outros membros da revista **Clima** referem-se a ela sempre no [illegible] é feita no sentido do tempo (o **Clima**) e do grupo ("o grupo do **Clima**").

com prontidão, a sugestão do primo de que seria bom para a revista ter um contista permanente, alguém preocupado exclusivamente com a ficção. Mas rapidamente se deu conta de que se metera numa sinuca. O prestígio desfrutado não parecia suficiente para compensar a ambivalência de seus sentimentos. Os ciúmes e um certo ressentimento decorrentes do fato de se dedicar à literatura enquanto seus amigos voltavam-se para "as coisas do pensamento", somados à percepção de ser "muito principiante"[18], dificultaram a sua afirmação no interior de **Clima**. Senão de fato, ao menos - o que já é muito - no plano da auto-representação que conforma uma experiência intelectual vivida inicialmente na chave da insegurança.

Que esta insegurança não fosse apenas pessoal mas fundamentalmente geracional e de gênero - contrariando uma afirmação de Décio de Almeida Prado de que, na revista, Gilda estava exatamente "no mesmo plano que os homens"[19] - dá bem o quadro das dificuldades enfrentadas pelas mulheres do grupo e fora dele. Sobretudo para aquelas, como Gilda, que ainda não sabiam exatamente o que queriam ser mas tinham clareza do que não desejam mais: "ser apenas mãe, casar, ter filhos, dirigir a casa, receber e pagar visitas, viver submissa à sombra do marido"[20].

* * *

Ao longo de sua trajetória, **Clima** divulgou artistas e escritores jovens da época. Entre os artistas

---

[18] Citação retirada da entrevista que Gilda de Mello e Souza concedeu a Andréa Alves, em 1991, op. cit., p.13.

[19] Essa observação de Décio de Almeida Prado foi motivada por um diálogo paralelo [illegible] Gilda de Mello e Souza tiveram durante a entrevista feita por Andréa Alves, op. cit., p.13.

[20] Cf. Gilda de Mello e Souza, "Depoimento", op. cit., p.[illegible]

[illegible] contemplados, nenhuma mulher. Entre os poetas, encontramos 18 homens e 5 mulheres: Almeida Salles, Antonio Pedro, Ivan Ribeiro, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Alvaro de Abreu, Vinicius de Moraes, Cid Silveira, Carlos Ti[illegible]gaco, Manuel Cerqueira Leite, Carlos Drummond de Andrade, Afrânio Zuccolotto, Eduardo de Oliveira, Sérgio Milliet, Sosigenes Costa, Ledo Ivo, Carlos Penteado de Rezende, Rossini Camargo Guarnieri, Geraldo Vidigal; Oneyda Alvarenga, Clotilde Guerrini, Mariana Ribeiro, Maria Eugênia Franco e Cecília Meireles[131]. Do total de 13 contos publicados, 9 foram escritos por homens e 4 por mulheres. Mário Neme publicou três contos. Barradas de Oliveira, Francisco de Marchi, Miroel Silveira, Silvio Rodrigues, Mário de Andrade e Almeida Fischer são autores dos outros seis. Os quatro contos restantes foram escritos por Gilda de Mello e Souza e Lygia Fagundes Telles — que anos depois se casaria com Paulo Emílio Salles Gomes, mas antes disso se destacaria como um dos grandes nomes da literatura brasileira.

---

[131] Sobre as poetisas publicadas em Clima, apenas duas aparecem no Dicionário Literário Brasileiro, op. cit., de Raimundo Menezes: Oneyda Alvarenga (1911) e Cecília Meireles (1901-1964). A primeira, nascida em Minas, diplomou-se em piano pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, fez o curso de etnografia e folclore do Departamento de Cultura, organizou e dirigiu, em 1935, a Discoteca Pública dessa instituição, a convite de Mário de Andrade. Cecília Meireles já era uma escritora reconhecida quando alguns de seus poemas foram publicados em **Clima**. Entre 1936 e 1938 lecionou Literatura Luso-Brasileira e Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal. Em 1938, ganhou o prêmio da Academia Brasileira de Letras pelo livro **Viagem**. [illegible], a convite do governo norte-americano, lecionou Literatura e Cultura Brasileiras na Universidade do Texas. Além de dedicar-se à literatura e à educação, revelou-se na área da pesquisa histórica. Maria Eugênia Franco (1915), a única mulher que participou do inquérito promovido pelo **Estado de S. Paulo**, entre 1943 e 1944, com 29 figuras da jovem intelectualidade da época, cursou a Escola Livre de Sociologia e Política, entre 1936 e 1938. No final desse mesmo ano, estreou na crítica literária. Em 1940, [illegible] rodapé de crítica literária do **Jornal da Manhã**. No ano seguinte, colaborou em **Planalto**, a convite de Sérgio Milliet, com quem trabalhou na Biblioteca Municipal, organizando a sua Seção de Arte. Sobre Clotilde Guerrini, o poeta e pintor português, Antonio Pedro, afirmou, em 1941, (na entrevista concedida ao periódico **Acção**, op. cit.), que ela "era a melhor esperança da poesia jovem" de São Paulo.

Como autoras, as mulheres se fizeram presentes na condição de poetisas e contistas. Como personagens, ocuparam um lugar de destaque no universo ficcional da revista. Dos treze contos publicados, praticamente a metade é construída a partir de personagens exclusivamente femininas. São eles: "Week-End com Teresinha", de Gilda de Mello e Souza; "Ensaio sobre a Comadre", "Mula que faz hin, mulher que sabe latim ...", "Dona Adelaide, como o nome indica", todos de autoria de Mário Neme; "O suicídio de [illegible]", de Lygia Fagundes Telles, "Percalços, mas enfim", de Silvio Rodrigues. Dois contos abordam questões das relações conjugais, centrando-se nas angústias das personagens femininas: "Rosa Passada", de Gilda de Mello e Souza e "Quase Fausto", de Miguel Silveira. Entre os cinco restantes, três voltam-se exclusivamente para personagens masculinos: "A aventura das mãos", de Barradas de Oliveira; "Armando [illegible] Macaco", de Gilda de Mello e Souza, e "Uma solução em qualquer parte", de Francisco de Marchi. Os dois últimos, "O ladrão", de Mário de Andrade, e "Infância, primeiro ciclo", de Almeida Fischer, abordam, respectivamente, relações de vizinhança e a infância tumultuada de um menino, filho de pais separados.

Entre os contos publicados, mais da metade trata de mulheres. Mas esta supremacia numérica está longe de corresponder a uma abordagem mais complexa e nuançada do universo feminino. Com exceção dos contos de Gilda de Mello e Souza e de Lygia Fagundes Telles, os outros reproduzem o senso comum, beirando por vezes a caricatura. Senão vejamos: "Ensaio sobre a comadre", de Mário Neme, retrata-se a história de uma senhora que se dedica com afinco a cura, e cuidar dos doentes, a contar para os amigos (que a temiam

Capítulo IV - INTELECTUAIS ACADÊMICOS.

1. De volta à Universidade de São Paulo.

A formação do grupo que produziu a revista Clima remonta ao ano de 1938, ao espaço da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e a um de seus cursos mais concorridos na época: o do professor de filosofia Jean Maugüé. Foi no decorrer de suas aulas, segundo Gilda de Mello e Souza, que "nasceu espontaneamente o nosso grupo, fruto de um conjunto de afinidades e circunstâncias. Em primeiro lugar, éramos todos discípulos de Maugüé; em segundo, tínhamos todos mais pendor literário que filosófico; em terceiro lugar - e descontados os matizes mais variados - éramos todos esquerdizantes; e por último, tínhamos origens sociais equivalentes. Parafraseando Paulo Emílio e o seu talento de cunhar fórmulas, pertencíamos àquele setor da burguesia, formado por profissionais liberais, altos funcionários, fazendeiros e industriais médios... Essas injunções nos deram um ar de família, um viés definido de enxergar o real"[1].

De forma precisa, Gilda circunscreve algumas das razões centrais que propiciaram e alimentaram "o convívio geral, intenso, quase diário"[2], entre 1939 e 1944, de seu grupo de geração. As afinidades que os uniram, decorrentes de suas origens sociais semelhantes, da vivência parecida que tiveram na infância e adolescência, do tipo de formação cultural que receberam de suas famílias e das escolas que frequentaram, foram reforçadas e sedimentadas ao longo do período em que cursaram a Faculdade de Filosofia. Para muitos deles, essa instituição representou bem mais do que um espaço de profissionalização. Foi antes de tudo, o centro irradiador que conformou o universo de sociabilidade do grupo. Ali construíram as relações pessoais, intelectuais, afetivas e, em alguns casos, amorosas, que marcariam para sempre as suas vidas. Segundo Décio de Almeida Prado, por exemplo, a Faculdade lhe "deu tudo, ou quase tudo: mulher, amigos, ganha-pão, interesses intelectuais, métodos de pensar"[1].

---

[1] Cf. Gilda de Mello e Souza, "Depoimento", op. cit., p.135, grifos

[2] Antonio Candido, "Alfredo [Mesquita] e nós", O Estado de S. Paulo, 13 de dezembro de 1986, p.4.

Quando Décio iniciou em 1936 o curso de graduação em filosofia, seu pai, Antonio de Almeida Prado (1889-1965), era diretor da Faculdade de Filosofia. Médico conceituado, formado em 1911 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nomeado em 1916 para o cargo de professor da Faculdade de Medicina de São Paulo (graças à recomendação de Miguel Pereira, de quem fora aluno e discípulo), Antonio de Almeida Prado foi também Secretário de Educação em 1931 na interventoria de Laudo de Camargo. Nesse período, nomeou a primeira comissão – composta por Alcantara Machado, Lúcio Martins Rodrigues, Raul Briquet, Fernando de Azevedo e Júlio de Mesquita Filho – para estudar as bases da Universidade de São Paulo que seria criada dois anos depois, no governo de Armando de Salles Oliveira.

Para o cargo de primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, foi designado o professor de matemática da Escola Politécnica, Theodoro Ramos (1895-1935), que se incumbira de recrutar professores na Europa para integrarem o corpo docente da universidade paulista. Convidado para um alto posto no governo federal, Ramos mudou-se para o Rio de Janeiro no final de 1935 e deixou a direção da Faculdade de Filosofia. Para preencher esse súbito vazio administra-

---

1. Cf. Décio de Almeida Prado, "50 anos depois", O Estado de S. Paulo, 3 de junho de 1984, p.11. Discurso lido na sessão de homenagem prestada pela USP, em 21 de abril de 1984, à antiga Faculdade de Filosofia, por ocasião da comemoração dos 50 anos de sua fundação.

Considerações Finais

> "A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço do passado sem cair na autocomplacência, porque o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se chama uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros, mas vão aos poucos ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então, registrar o passado (...) é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar".

Com essas palavras, Antonio Candido abriu, em 1969, o prefácio da quinta edição de Raízes do Brasil. A procurando mostrar que ele e seus companheiros de geração, situados naquela altura na faixa dos cinquenta anos, aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil em função de três trabalhos capitais: **Casa Grande & Senzala**, de Gilberto Freyre, **Formação do Brasil Contemporâneo**, de Caio Prado Júnior, e o livro de Sérgio Buarque de Holanda, mencionado acima. Juntos produziram uma visão renovada do país, revelaram dimensões abrangentes e inesperadas da sociedade brasileira, forneceram a matriz intelectual necessária para um balanço sem complacência do nosso passado, que a geração de Antonio Candido tratou de implementar a partir dos anos 40.

O cruzamento destes autores - situados na melhor tradição do pensamento social brasileiro - com as inovações culturais produzidas pelo modernismo, somou-se no caso de Antonio Candido e seus amigos mais próximos, à experiência inovadora que viveram na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Como produtos do sistema acadêmico implantado na capital paulista por intermédio de professores estrangeiros, introduziram novas maneiras de conceber e praticar o trabalho intelectual. Fizeram da crítica uma modalidade privilegiada para expressarem a sensibilidade sociuniversitária da época, construíram suas trajetórias profissionais na interseção do jornalismo cultural com a Universidade, revelaram-se expressões maiores da intelectualidade brasileira.

A revista que editaram na juventude e o grupo de sociabilidade mais ampla a que pertenceram no período tornaram-se, com o tempo, uma referência do passado. Celebrado e festejado por eles em inúmeras oportunidades (depoimentos, entrevistas, textos e conferências), esse passado é mais do que um ponto de referência em comum. Como procurei mostrar no decorrer deste trabalho, a revista Clima foi decisiva na conformação do perfil intelectual e cultural do grupo e na definição das trajetórias profissionais de vários de seus editores. Mas antes de se tornarem conhecidos nas áreas para as quais se encaminharam, projetaram-se na cena cultural como grupo. Eram assim singulares aos olhos das gerações anteriores: universitário, destoante do padrão intelectual dominante na época. Por isso, recebidos com um misto de admiração, fascínio e ressalvas, inclusive pelos modernistas da primeira leva.

À medida em que foram se firmando como críticos e professores universitários deixaram de ser vistos como partes indissociáveis de um grupo. Os livros que escreveram, o reconhecimento que obtiveram dentro e fora da Universidade de São Paulo, os projetos que executaram, tudo isso contribuiu para que ganhassem autoria e autoridade intelectual próprias.

Se hoje podem ser estudados em separado, dado o alcance e a importância de suas obras para o entendimento de dimensões significativas da literatura, do teatro, das artes plásticas e do cinema brasileiros, o mesmo não é possível quando se trata de recuperar o contexto mais amplo que conformou o início da trajetória intelectual de todos. Neste caso, a análise interna das obras é insuficiente. Outras são, como vimos, as chaves necessárias para tal en-

[illegible]: as origens sociais semelhantes; a experiência da amizade compartilhada na juventude e reforçada na vida adulta pela ausência de tensões e competições entre eles — propiciada pela especialização em áreas distintas ainda que fronteiriças; as relações estabelecidas com os cientistas sociais e com figuras de ponta do modernismo; a inserção num sistema cultural pouco profissionalizado e segmentado, onde a oposição entre jornalistas e acadêmicos não tinha ainda os contornos beligerantes de hoje; os constrangimentos institucionais enfrentados; os desafios intelectuais perseguidos; as posições conquistadas dentro da Faculdade de Filosofia.

Articuladas, essas dimensões permitem enfrentar um dos efeitos inelutáveis do tempo sobre os integrantes dessa geração (e não apenas dela) que, "julgando-se a princípio diferentes uns dos outros", foram aos poucos 'ficando tão iguais', que acabaram 'desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época'. Ao resgatar a experiência do "grupo Clima" e as trajetórias de seus membros mais importantes, espero ter mostrado que a singularidade desses intelectuais não se dissolve nas características gerais de sua época e nem se resume às obras que produziram. Reside antes no entrelaçamento das injunções sociais, culturais, políticas, institucionais e intelectuais, analisadas ao longo deste trabalho.

A perspectiva adotada, a estratégia narrativa utilizada e a apreensão num registro quase etnográfico da experiência desse círculo de amigos, permitiram um entendimento mais circunstanciado do padrão de funcionamento intelectual do período. A singularidade do grupo e a posição privilegiada que seus integrantes ocuparam no sistema cultural paulista são o resultado de um tríplice feito: a incorporação de elementos centrais da atividade intelectual do passado (o ensaísmo e a crítica); sua atualização em ceitos analíticos e metodológicos propriamente acadêmicos; é prenúncio do que iria acontecer a seguir. Como críticos divergiram dos modernistas - escritores e artistas em sua maioria - mas partilharam com eles o gosto pela literatura e pela inovação no plano estético e cultural. Como universitários contribuíram para a sedimentação intelectual da tradição modernista. Como críticos e universitários diferenciaram-se dos cientistas sociais em sentido estrito, não só pela escolha temática mas sobretudo pela forma de tratamento aplicada aos assuntos selecionados. No lugar do estudo monográfico especializado, o ensaio, as visadas amplas, a localização do objeto cultural num sistema abrangente de ligações e correlações.

Esta forma de expressão da atividade intelectual sinaliza o tipo de segmentação e de profissionalização que estava germinando no sistema cultural da época. Comparadas às gerações anteriores, Antonio Candido e seus amigos eram nitidamente diferentes. Diversamente de Sérgio Milliet, Luís Martins, Mário de Andrade e Alvaro Lins, por exemplo, que escreviam, cada um à sua maneira, sobre múltiplos domínios da atividade cultural, os membros do "grupo Clima" se especializaram, desde cedo, em áreas específicas. Tal especialização, longe de ser apenas uma invenção de jovens universitários em vias de ingressarem na vida adulta e profissional, correspondia a uma demanda difusa do sistema cultural da época. Nesse contexto, eles foram as pessoas certas para ocuparem lugares com resultados ainda incertos.

No início dos anos 40, a Faculdade de Filosofia, embora recente, emitia, como vimos, os primeiros sinais de que viera para ficar. Produtos desse sistema acadêmico em formação, ligados por suas origens familiares à forma até então dominante de atividade intelectual, os integrantes do "grupo Clima" fizeram a mediação entre o passado e as demandas do presente. Daí a centralidade e o impacto que tiveram na cena cultural. Ali mostraram, com seus escritos e projetos de intervenção, a transformação capital que estava se processando em nossos hábitos intelectuais: a indissociabilidade entre teoria, método e pesquisa, aprendida com os professores estrangeiros na universidade paulista.

Diversamente do 'polígrafo esvoaçante', como se autodenominava Luís Martins; do poeta-escritor, doublê do historiador e crítico de arte, Sérgio Milliet; do crítico militante em tempo completo, Alvaro Lins; do escritor, intelectual autodidata e 'turista aprendiz", chamado a emitir opinião sobre tudo e todos, Mário de Andrade; os integrantes do grupo 'Clima' eram críticos 'puros', munidos de conhecimentos sistemáticos, hipóteses bem fundamentadas, ferramentas conceituais sólidas. Tais foram as marcas introduzidas pelo grupo. Por meio delas conquistaram posições importantes no sistema cultural da época (atestadas, por exemplo, pela organização e direção do Suplemento Literário), obtiveram reconhecimento e prestígio intelectual, sedimentaram a crítica num patamar analítico distinto das gerações anteriores.

Diferentemente das gerações seguintes que, como eles, também se formaram e se profissionalizaram na Faculdade de Filosofia, não restringiram sua atuação ao âmbito da Universidade. Menos por escolhas individuais e mais em função dos espaços de intervenção cultural que se abriram fora dela. Produtos e produtores da segmentação que viria ocorrer em todos os campos da atividade intelectual, entre eles o jornalismo cultural, concentram-se a partir de meados dos anos 60 na Universidade de São Paulo. Base intelectual e social de todos eles, essa instituição consolidou-se como o lugar central da produção segmentada, autoral, especializada, regida por critérios de avaliação e de execução propriamente científicos. O que se ganhou em termos de conhecimento, pesquisa e qualificação de seus quadros, em todas as áreas, perdeu-se em termos de prestígio extra-universitário. Situação bastante distinta daquele que foi vivido pelo "grupo Clima" e seus integrantes mais importantes no período coberto por este trabalho.

Se todo recorte cronológico tem algo de arbitrário, o meu não foge à regra. Iniciando-se na virada dos anos 40 e encerrando-se na segunda metade do decênio de 60, após o falecimento de Lourival Gomes Machado e ingresso de Décio de Almeida Prado e Paulo Emilio Salles Gomes como professores da Faculdade de Filosofia, onde já se encontravam Antonio Candido, Ruy Coelho e Gilda de Mello e Souza, esta tese cobriu o período de formação do grupo e os espaços que modelaram as trajetórias de seu núcleo mais importante. A partir de então, como expressões maiores da intelectualidade brasileira, enfrentaram desafios novos, suscitados pelo alcance de suas obras e por um contexto intelectual e institucional distinto daquele que foi analisado neste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

I. Fontes

a) Revista Clima.

b) Depoimentos, entrevistas e memórias.

Arbousse-Bastide, Paul. "Entrevista" (em conjunto com Ruy Coelho), **A História Vivida**, Lourenço Dantas (org.), São Paulo, O Estado de S. Paulo, col. Documentos Abertos, 1981, vol.II, pp.13-25.

Assumpção, Maria Izabel Machado (irmã de Lourival Gomes Machado). Entrevista concedida à autora no dia 4 de maio de 1995.

Calil, Carlos. "Uma outra história", Paulo Emílio Salles Gomes, **Vigo, Vulgo Almereyda**, São Paulo, Companhia das Letras, EDUSP, 1991, pp.133-139.

Candido, Antonio. "Depoimento", **Plataforma da Nova Geração**, Mário Neme (org.), Porto Alegre, Globo, 1945, pp.31-40.

"Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade", **Vários Escritos**, São Paulo, Duas Cidades, 1970, pp.57-87.

Depoimento sobre a revista **Clima**, feito em fevereiro de 1974, no ciclo de estudos sobre o decênio de 1940, promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Publicado em 1978 na revista **Discurso**, republicado com o título "Clima" no livro **Teresina etc**, Rio de Janeiro, 1980, pp.153-171.

Entrevista concedida a Ulisses Guariba, em 1976, publicada primeiro na revista **Transformação** (1979) e republicada no livro de Antonio Candido, **Brigada ligeira e outros escritos**, São Paulo, UNESP, 1992, pp.231-246.

"Prefácio", Florestan Fernandes, **A Condição de Sociólogo**, São Paulo, HUCITEC, 1978, pp.VII-XIV.

Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som, em novembro de 1983, com a participação de Ernani da Silva Bruno, Alexandre Eulálio, Celso Lafer e José Nogueira.

Entrevista concedida a Marilene Weinhardt, em setembro de 1983, publicada como apêndice no livro da entrevistadora, **O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo (1956-67)**, Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1987, pp.455-467.

Discurso lido em agosto de 1984, durante a sessão em que recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Publicado com o título "O papel e o [illegible]", Língua e Literatura, [illegible], pp.115-120.

[illegible] lido em maio de [illegible] Florestan Fernandes, por [illegible] Candido, [illegible] publicado com o título [illegible] O saber Militante: ensaios sobre Florestan Fernandes. Maria Angela D'Incao (org.). São Paulo, [illegible], pp.33-36.

[illegible], O Estado de S. Paulo, 11 de dezembro de [illegible], p.4.

[illegible] Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente. Carlos [illegible] Calil e Maria [illegible] (orgs.). São Paulo, Brasiliense/EMBRAFILME, 1986, pp.33-[illegible].

[illegible] em agosto de 1987, à equipe de pesquisadores [illegible] História das Ciências [illegible] desenvolvido no IDESP, sob a coordenação de Sergio Miceli.

[illegible] em setembro de 1987, durante a seção [illegible] da UNICAMP, homenagem prestada pelo Conselho Universitário [illegible]. Publi[illegible] Antonio Candido e Roberto Schwarz [illegible] Editora da UNICAMP, 1988, pp.23-34.

Discurso lido em abril de 1988, durante a seção em que [illegible] Professor Emérito da Faculdade de [illegible]. Publicado em Antonio Candido. Brigada Ligeira, e outros [illegible] São Paulo, UNESP, 1992, pp.[illegible].

Entrevista concedida a Sônia M. de Freitas, em agosto de [illegible] na dissertação de mestrado da entrevistadora, Reminiscências: contribuição à memória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1954. São Paulo, FFLCH, USP, 1992, pp.15-43.

Entrevista concedida a Andréa Alves, em maio de 1991 com a participação de Décio de Almeida Prado e Gilda de Mello e Souza. Transcrita em monografia de graduação da [illegible] Clima: dois [illegible] Dep. de Ciências Sociais, [illegible], 1991, pp.1-26.

Entrevista feita por Décio de Almeida Prado, em 1991, [illegible] de um encontro entre ele, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza. Transcrita por [illegible] Ventura e publicada em [illegible] e Paulo [illegible] Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993, pp.93-124.

[illegible] Roger Bastide, feito em setembro de 1994 no [illegible] de homenagem a Roger Bastide, patrocinado pelo [illegible] da França e pela Universidade de São Paulo.

[illegible] Gilda de Mello e Souza. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, IEB, USP, [illegible].

[illegible] em novembro de 1994, durante a seção de [illegible] de Almeida Prado, [illegible]. Publicado com o título [illegible]

partir de Clima", **Homenagem a Décio de Almeida Prado**, São Paulo, União Brasileira de Escritores, Scortecci, 1995, pp.13-16.

Entrevista concedida à autora no dia 31 de maio de 1995.

"Um instaurador", **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, publicação quadrimestral da ANPOCS, nº 30, ano 11, fevereiro de 1996, pp.6-8. Texto enviado por Antonio Candido para ser lido durante a homenagem prestada a Florestan Fernandes no XIX Encontro Anual da ANPOCS, realizado em outubro de 1995.

Cardoso, Fernando Henrique. "Depoimento", **Língua e Literatura**, vol. 10-13, 1981-84, pp.158-179.

Coelho, Ruy. "Depoimento", **Plataforma da Nova Geração**, Mario Neme (org.), Porto Alegre, Globo, pp.239-248.

Entrevista concedida a Maria Neuma Cavalcante, em agosto de 1976, transcrita na dissertação de mestrado da entrevistadora, **Clima: contribuição para o estudo do modernismo**, São Paulo, FFLCH, USP, 1978, pp.194-208.

"Entrevista" (em conjunto com Paul Arbousse-Bastide), **A História Vivida**, Lourenço Dantas (org.), São Paulo, O Estado de S. Paulo, col. Documentos Abertos, 1981, vol.II, pp.13-25.

"Depoimento", **Língua e Literatura**, São Paulo, Revista dos Departamentos de Letras da FFLCH, USP, volume 10-13, 1981-84, pp.[illegible].

"Ouvir Paulo Emílio", **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente**, Carlos Calil e Maria Teresa Machado (orgs.), São Paulo, Brasiliense, EMBRAFILME, 1986, pp.111-116.

Fernandes, Florestan. "Em busca de uma sociologia crítica e militante", **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**, Petrópolis, Vozes, 1977, pp.[illegible].

A Condição de Sociólogo. Prefácio de Antonio Candido, São Paulo, Hucitec, 1978. Este livro resultou da entrevista feita por um grupo de professores da UNESP, publicada primeiro na revista **Transformação** (nº 2), com o título "Entrevista sobre o trabalho teórico".

Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som, em junho de 1981, com a participação de Carlos Guilherme Mota, Alfredo Bosi, Gabriel Cohn e Ernani da Silva Bruno. Publicada, de forma reduzida, com o título "Florestan Fernandes, História e Histórias", em **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, nº 42, julho de 1995, pp.[illegible].

Depoimento sobre Fernando de Azevedo, prestado em abril de 1994, durante a "Semana Fernando de Azevedo", promovida pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Estudos Brasileiros. Publicado com o título "Fernando de

[illegible]

[illegible] um autêntico reformista', Florestan Fernandes, **A Contestação Necessária: retratos intelectuais de inconformistas e Revolucionários**, São Paulo, Ática, 1995, pp.184-[illegible].

Ferreira, Oliveiros S. 'Lourival Gomes Machado', **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, vol. 8, nº 22, setembro/dezembro de 1994, pp.279-284.

Gomes, Paulo Emílio Salles. 'Depoimento', **Plataforma da Nova Geração**, Mário Neme (org.), Porto Alegre, Globo, [illegible] pp.279-291.

'Homenagem a Plínio Sussekind Rocha', **Discurso**, São Paulo, nº 3, vol. 3, 1972, pp.5-7.

Entrevista concedida a Maria Vitória Benevides, em março de 1977, publicada com o título 'Paulo Emílio: o intelectual e a política na redemocratização de 1945', **Revista de Cultura Contemporânea**, São Paulo, vol. 1, nº 2, 1979, pp.[illegible].

Entrevista concedida a Maria Rita Galvão, parcialmente transcrita no livro da autora, **Burguesia e Cinema: o caso Vera Cruz**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

Entrevista concedida ao historiador Edgar Carone, publicada com o título 'Memórias Políticas de um crítico', no **Folhetim da Folha de São Paulo**, 11 de setembro de 19[illegible], p.[illegible].

Quirino dos Santos, Célia. Entrevista concedida à autora em março de 199[illegible], centrada na figura de Lourival Gomes Machado, na Cadeira de Política e na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Machado, Lourival Gomes. 'Depoimento', **Plataforma da Nova Geração**, org. Mário Neme, Porto Alegre, Globo, pp.21-28.

Machado, Maria de Lourdes (viúva de Lourival Gomes Machado). Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 199[illegible].

Mello e Souza, Gilda. 'Paulo Emílio: a crítica como perícia', **Exercícios de Leitura**, São Paulo, Duas Cidades, 1980, pp.[illegible]. Redigido em 1979, esse artigo segue de perto as notas que serviram de apoio à arguição que a autora fez, em 1972, na defesa da tese de doutorado de Paulo Emílio Salles Gomes.

'A Estética rica e a Estética pobre dos professores franceses', **Exercícios de Leitura**, São Paulo, Duas Cidades, 1980, pp.9-34. Texto revisto da aula inaugural dos cursos de 1972 do Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

"Depoimento", **Língua e Literatura**, volume 10-[illegible], [illegible], pp.[illegible]-136.

Entrevista concedida a Andrea Alves em maio de 1991 (em conjunto com Antonio Candido e Decio de Almeida Prado), transcrita na monografia de graduação da entrevistadora, **Sociologia e Clima: dois caminhos, um debate**, Dep. de Ciências Sociais, UERJ, 1991, pp.1-26.

Depoimento concedido a Paulo Arantes, parcialmente transcrito no livro do autor, **Um Departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

"A lembrança que guardo de Mário" (em conjunto com Antonio Candido), **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, USP, nº 36, 1994, pp.9-25.

Entrevista concedida à autora (em conjunto com Antonio Candido), em maio de 1995.

Mesquita, Alfredo. "No tempo do Jaraguá", publicado no livro de homenagem a Antonio Candido, **Esboço de Figura**, São Paulo, Duas Cidades, 1979, pp.39-58.

Mourão, Fernando. "Ruy Galvão de Andrada Coelho", **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, vol.8, nº 22, setembro/dezembro de 1994, pp.275-277.

Pedro, Antonio (poeta e artista plástico português). Entrevista concedida ao periódico **Acção** (Lisboa, nº 29, 6 de novembro de 1941, p.4), onde deixou registradas as suas impressões sobre o "grupo Clima" e sobre a vida intelectual e artística brasileira do período.

Prado, Antonio de Almeida. **Escolas de Ontem e de hoje (reminiscências e evocações)**. São Paulo, Anhambi, 1961.

Crônica de Outrora. São Paulo, Brasiliense, 1963.

Prado, Decio de Almeida. Depoimento sobre a crítica de teatro em São Paulo nos anos 40, feito em fevereiro de 1978, no curso "Brasil: década de 40", promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Entrevista concedida a Maria Neuma Cavalcante, em março de 1978, transcrita na dissertação de mestrado da entrevistadora, **Clima: contribuição ao estudo do modernismo**, São Paulo, FFLCH, USP, 1978, pp.209-244.

Entrevista concedida a Marilene Weinhardt, em setembro de 1981, publicada como apêndice no livro da autora, **O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo** ([illegible]), Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1987, pp.451-457.

"Paulo Emílio quando jovem", **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente**, Carlos Calil e Maria Teresa

Machado Jorge.]. **São Paulo**, Brasiliense, EMBRAFILME, 1986, pp.15-26.

Discurso lido na sessão de homenagem prestada pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, em 17 de abril de 1989, à 3ª turma (1939) da antiga Faculdade de Filosofia, por ocasião da comemoração dos 50 anos de sua formatura. Publicado com o título "50 anos depois", **O Estado de S. Paulo**, 3 de junho de 1989, p.11.

Discurso lido na homenagem prestada pela Faculdade de Medicina de São Paulo, em 8 de julho de 1989, por ocasião do centenário de nascimento de seu pai. Publicado com o título "Antonio de Almeida Prado, o homem e o intelectual", **O Estado de S. Paulo**, 29 de julho de 1989.

Entrevista concedida a Sônia M. de Freitas, em 1990, transcrita na dissertação de mestrado da entrevistadora, **Reminiscências: contribuição à memória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1945**. São Paulo, FFLCH, USP, 1992, pp.76-88.

Prado, Decio de Almeida (continuação). Entrevista concedida a Andrea Alves, em maio de 1991 (em conjunto com Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza), transcrita na monografia de graduação da entrevistadora, **Sociologia e Clima: dois caminhos, um debate**, Dep. de Ciências Sociais, FFLCH, USP, 1991, pp.48.

Entrevista concedida a Nelson de Sá e Alcino Leite Lopes, publicada no caderno "Letras" da **Folha de São Paulo**, em 25 de maio de 1991, pp.6-1 e 6-7.

"Alfredo Mesquita, visto de um ângulo", **Peças, Pessoas e Personagens: o teatro brasileiro de Procópio Ferreira a Cacilda Becker**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp.153-172.

Discurso lido durante a sessão de homenagem que recebeu, em 16 de novembro de 1994, da Associação Brasileira de Escritores. Publicado com o título "Oração aos Velhos", **Homenagem a Decio de Almeida Prado**, São Paulo, União Brasileira de Escritores, Scortecci, 1995, pp.37-44.

Entrevista concedida à autora, em 17 de junho de 1995.

"Saudades de Lévi-Strauss". Artigo publicado no "Jornal de Resenhas" (nº 13, 12 de abril de 1996 p.1) da **Folha de S. Paulo**.

Queiroz Júnior, Teófilo de. "In Memoriam: Ruy Coelho (1920-1990)", **Revista de Antropologia**, São Paulo, FFLCH, USP, vol.33, 1990, pp.205-206.

Schwarz, Roberto. "Saudação a Antonio Candido", **Antonio Candido & Roberto Schwarz: a homenagem na UNICAMP**, Campinas, Editora da UNICAMP, 1988, pp.9-23. Discurso lido, em dezembro de 1987, durante a sessão de homenagem a Antonio Candido, prestada pelo Conselho Universitário da UNICAMP, que lhe conferiu o título de Doutor *Honoris Causa*.

Tavares, Zulmira Ribeiro. "Paulo Emílio: Cinema e Brasil: um ensaio interrompido", Paulo Emílio Salles Gomes, **Cinema: Trajetória e Subdesenvolvimento**, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp.11-21.

Telles, Lygia Fagundes. "Permanência de Paulo Emílio", Paulo Emílio Salles Gomes, **Jean Vigo**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, pp.I-III.

Vergueiro, Carlos. Entrevista concedida à autora em maio de 1995.

Vieira da Cunha, Mário Wagner. Depoimento sobre a sociologia na década de 50, feito em janeiro de 1975, durante o curso "Brasil: década de 50", promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Xavier, Lívio. "Entrevista", **A História Vivida**, Lourenço Dantas (org.), São Paulo, O Estado de S. Paulo, col. Documentos Abertos, 1981, vol.II, pp.381-392.

II. Livros, artigos e teses

Almeida, Maria Hermínia Tavares. "Dilemas da institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sergio Miceli (org.), São Paulo, Vértice, IDESP, 1989, vol.1, pp.188-216.

Almeida, Paulo Mendes de. **De Anita ao Museu**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

Alves, Andréa. **Sociologia e Clima: dois caminhos, um debate**. Monografia de graduação, Dep. de Ciências Sociais, UERJ, 1991.

Andrade, Mário de. "Elegia de Abril", **Clima**. São Paulo, nº1, maio de 1941, pp.7-17.

Poesias Completas. São Paulo, Martins, 1966.

"O Movimento Modernista", **Temas Brasileiros**. Rio de Janeiro, Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1967, pp.11-[illegible].

"Esta Família Paulista", **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, USP, nº 10, 1971, pp.154-156.

Aspectos da Literatura Brasileira. 5a. ed., São Paulo, Martins, 1974.

Andrade, Oswald de. "Bilhete sobre Fantasia", **Clima**. São Paulo, nº7, Dezembro de 1941, p.5.

"Antes do Marco Zero", **Ponta de Lança**. 3ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972, pp. 42-43.

"Diante de Gil Vicente", **Ponta de Lança**, pp. [illegible].

Aquino, Teresinha de. "Achegas para a análise [illegible]", **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. Maria Angela D'Incao & Eloísa Scarabôtolo (orgs.). São Paulo, Companhia das Letras, 1993. pp.109-117.

Arantes, Otília. **Mário Pedrosa: itinerário crítico**. São Paulo, Scritta Editorial, 1991.

Arantes, Paulo. **Um Departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

Arêas, Vilma. "Prosa Branca", **Discurso**, São Paulo, nº 26 (edição comemorativa dos 25 anos da revista em homenagem a Gilda de Mello e Souza), 1996, pp.19-33.

Arrigucci Jr., Davi. "Movimentos de um leitor. Ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido", **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. Maria Angela D'Incao & Eloísa Scarabôtolo (orgs.). São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp. 181-204.

Arruda, Maria Arminda do Nascimento. "A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a 'escola paulista'", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sérgio Miceli (org.). São Paulo, Editora Sumaré, FAPESP, 1995, vol. 2, pp.107-231.

"Formação e perfil de um sociólogo: a trajetória acadêmica de Florestan Fernandes", **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. Sergio Adorno (org.). Porto Alegre, Cadernos de Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1995, pp.117-129.

Azevedo, Fernando de. "A antropologia e a sociologia no Brasil", **As Ciências no Brasil**. São Paulo, Melhoramentos, vol.2, 1956.

Barbosa, Francisco de Assis. **Retratos de Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.

Barth, Fredrik. **Los Grupos Étnicos y sus Fronteras**. México, Fondo de Cultura Económica, 1976.

Bastide, Roger. "Machado de Assis, paisagista", **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro, 3ª fase, nº 29, 1940, pp.1-14.

Psicanálise do Cafuné e estudos de sociologia estética brasileira. Curitiba, Guaíra, 1941.

Batista, Marta Rossetti. **Anita Malfatti: no tempo e no espaço**. São Paulo, IBM do Brasil, 1985.

Besnard, Philippe. (org.) **The Sociological Domain: The Durkheimians and the founding of French Sociology**. Paris, de la Maison des Sciences de l'Homme; Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

Bosi, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo, Cultrix, 1974.

Bourdieu, Pierre. **Leçon Inaugurale.** Paris, Collège de France, 1982.
______. **Homo Academicus**, Paris, Minuit, 1984.
______. **Les Règles de L'Art.** Paris, Éditions du Seuil, 1992.

Brito, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna.** 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

Calil, Carlos & Machado, Maria Tereza (orgs.). **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente.** São Paulo, Brasiliense, EMBRAFILME, 1986.

Candido, Antonio. "Antes do Marco Zero", **Folha da Manhã**, São Paulo, 15.9.1943, p.7.
______. "Marco Zero", **Folha da Manhã**, São Paulo, 24.10.1943, p.7. ______. "Renovação Teatral", **O Estado de S. Paulo**, [illegible]. ______. "Um Crítico" em Álvaro Lins, **Jornal de Crítica** (5ª série). Rio de Janeiro, José Olympio, 1947, pp.[illegible].
______. "A revolução de 1930 e a cultura", **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, vol.2, nº4, pp.27-32, 1984.
______. **Brigada Ligeira**. São Paulo, Martins, 1945.
______. **Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero.** São Paulo, Revista dos Tribunais, 1945.
______. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre a crise nos meios de subsistência do caipira paulista.** Tese de doutorado, FFCL, USP, 1954.
______. **O Observador Literário.** São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1959.
______. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos.** São Paulo, Martins, 1959.
______. **Os Parceiros do Rio Bonito.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
______. **Vários Escritos.** São Paulo, Duas Cidades, 1970.
______. **Literatura e Sociedade** (1965). 6a. ed. São Paulo, Nacional, [illegible].
______. **Teresina etc.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
______. **Ficção e Confissão** (1956). Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
______. **Recortes.** São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Candido, Antonio et alli. **A Personagem de Ficção** (1968). [illegible] ed., São Paulo, Perspectiva, 1992.

Cardoso de Oliveira, Roberto. **Identidade, Etnia e Estrutura Social.** São Paulo, Pioneira, 1976. "A vocação metadisciplinar da etnografia da ciências", Sobre o Pensamento Antropológico. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1988, pp.141-180.

Cardoso, Fernando Henrique. "A fome e a crença (sobre os Parceiros do Rio Bonito)", Esboço de Figura: homenagem a Antonio Candido. São Paulo, Duas Cidades, 1979, pp.89-100.

Cardoso, Irene. A Universidade da Comunhão Paulista. São Paulo, Cortez, 1982.

Carneiro da Cunha, Manuela. Negros Estrangeiros. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Carvalho, Edgar de Assis. "Imagens da Tradição", Dentro do texto dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido. Maria Angela D'Incao & Eloisa Scarabôtolo (orgs.), São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp.101-108.

Carvalho, José Murilo de. "Aspectos Históricos do Pré-Modernismo Brasileiro, Sobre o Pré-Modernismo Brasileiro. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, pp.13-21.

Castro, Eduardo Viveiros & Carneiro da Cunha, Manuela. "Vingança e Temporalidade: os Tupinambás", Anuário Antropológico 85. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986, pp.57-78.

Castro, Eduardo Viveiros. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

Cavalcante, Maria Neuma. Clima: contribuição para o estudo do modernismo. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1978.

Cavalheiro, Edgard. Testamento de uma Geração. Porto Alegre, Ed. Globo, 1944.

Chartier, Roger. "Intellectual History or Sociocultural History? The French Trajectories", Modern European Intellectual History. La Capra & Kaplan (orgs.), Ithaca & London, Cornell University Press, 1982, pp.13-46.

Chiarelli, Tadeu. Um Jeca nos Vernissages: Monteiro Lobato e o Desejo de uma Arte Nacional no Brasil. São Paulo, EDUSP, 1995.

Coelho, Ruy. Proust e a introdução ao método crítico. São Paulo, Ed. Flama, 1944.

Estrutura Social e Dinâmica Psicológica. São Paulo, Pioneira, EDUSP, 1969.

Corrêa, Mariza. **História da Antropologia no Brasil: 1930-1960**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.

——. "A Antropologia no Brasil (1960-1980)", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sergio Miceli (org.), São Paulo, Editora Sumaré, FAPESP, 1995, vol. 2, pp.25-106.

D'Incao, Maria Angela & Scarabôtolo, Eloísa F. (orgs.). **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Darnton, Robert. **O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Elias, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

Fausto, Boris. **História do Brasil**. São Paulo, EDUSP, 1994.

Fernandes, Florestan. **A função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**. 2ª. ed., São Paulo, Pioneira, EDUSP, 1970.

Fernandes, Florestan & Bastide, Roger. **Brancos e Negros em São Paulo**. São Paulo, Editora Nacional, 1959.

Ferraz, Geraldo. **Depois de Tudo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

Ferreira, Oliveiros S. "Introdução", Lourival Gomes Machado, **Tomás Antonio Gonzaga e o Direito Natural**. São Paulo, EDUSP, Martins, 1968, pp.7-14.

[illegible], [illegible]. **Prosa de Ficção em São Paulo: produção e consumo. 1900-1920**. São Paulo, HUCITEC, Secretaria de Cultura, 1983.

Freitas, Sônia Maria. **Reminiscências: contribuição à memória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1945**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 1992.

Galvão, Maria Rita. **Burguesia e Cinema: o caso Vera Cruz**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

Geertz, Clifford. "The way we think now: toward an ethnography of modern thought", **Local Knowledge. Further Essays in Interpretative Anthropology**. New York, Basic Books, 1983, pp.147-163.

Ginzburg, Carlo. "De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método", **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e História**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Gluck, Mary. **Georg Lukács and his generation, 1900-1918**. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1985.

Goldfarb, José Luiz. **Voar também é com os Homens: o pensamento de Mario Schenberg**. São Paulo, EDUSP, 1994.

Gomes Júnior, Guilherme Simões. **Palavra peregrina: idéias barrocas e pensamento sobre artes e letras no Brasil**. Tese de doutorado na área de história social, FFLCH, USP, 1996.

Gomes, Paulo Emilio Salles. **Cataguases e 'Cinearte' na formação de Humberto Mauro**. Tese de doutorado, FFLCH, USP, 1972.

______. **Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte**. São Paulo, Perspectiva, EDUSP, 1974.

______. **Jean Vigo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

______. **Cinema: Trajetória e Subdesenvolvimento**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

______. **Vigo, Vulgo Almereyda**. São Paulo, Companhia das Letras, EDUSP, 1991.

Gonçalves, Lisbeth. **Sérgio Milliet: Crítico de Arte**. São Paulo, Perspectiva, 1985.

Hallewell, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo, T. A. Queiroz, EDUSP, 1985.

Hirano, Sedi. "Tradição e Mudança no Brasil", **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. Maria Angela D'Incao & Eloísa Scarabôtolo (orgs.). São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp.84-100.

Karady, Victor. "Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens", **Revue Française de Sociologie**. Paris, CNRS, vol. XX, nº 1, 1979, pp.49-82.

______. "Durkheim et les débuts de l'ethnologie universitaire", **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, nº 74, 1988, pp.23-32.

Lacaz, Carlos & **Mazzieri**, Berta Ricardo de. **A Faculdade de Medicina e a USP**. São Paulo, EDUSP, 1995.

Lafer, Celso. "As idéias e a política na trajetória de Antonio Candido", **Dentro do texto, dentro da vida**. Maria Angela D'Incao & Eloísa F. Scarabôtolo (orgs.). São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp.271-296.

Lafetá, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo**. São Paulo, Duas Cidades, 1974.

Lamounier, Bolivar. "Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República". **História da Civilização Brasileira**. Boris Fausto (org.). São Paulo, Difel, 1977, tomo III, vol.2, pp.343-374.

Leibowitz, René. **Histoire de l'Opéra**. Paris, Buchet/Chastel, [illegible].

Lepenies, Wolf. **Between Literature and Science: the rise of Sociology**. Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme/ Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

Levi-Strauss, Claude. **Mythologiques. Le Cru et le Cuit**. Paris, Plon, 1964.

______. "Introdução à obra de Marcel Mauss", Marcel Mauss, **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU, EDUSP, 1974, vol. I, pp.1-36.

______. (Org.) **L'Identité**. Paris, Grasset, 1977.

______. **Tristes Tropicos**. Lisboa, Edições 70, 1981.

______. **Saudades do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Levy, Hannah. "A propósito de três teorias sobre o Barroco". **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, nº 5, 1941, pp.259-284.

Lima, Yone. **A Ilustração na Produção literária: década de vinte**. São Paulo, IEB, USP, 1985.

Limongi, Fernando. **Educadores e Empresários Culturais na Fundação da USP**. Dissertação de mestrado, IFCH, UNICAMP, 1988.

______. "Mentores e Clientela da Universidade de São Paulo", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sérgio Miceli (org.), São Paulo, Vértice, IDESP, 1989, vol.1, pp.111-187.

______. "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo", **História das Ciências Sociais no Brasil**, vol.1, pp.217-233.

Lins, Álvaro. "Síntese da Nova Geração", **Clima**. São Paulo, nº1, agosto de 1941, pp.138-144.

______. **Jornal de Crítica (5ª série)**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Loureiro, Isabel. **Vanguarda Socialista, 1945-1948**. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, 1984.

Lourenço, Maria Cecília. **A Maioridade do Moderno em São Paulo, anos 30/40**. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1990.

Machado, Lourival Gomes. **Alguns Aspectos Atuais do Problema do Método, Objeto e Divisões da Ciência Política**. Boletim XXXI, Política, nº 1, FFCL, USP, 1943.

______. **Retrato da Arte Moderna do Brasil**. São Paulo, Departamento de Cultura, 1947.

______. "Introdução", **Catálogo da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo**. 1a ed., São Paulo, outubro de 1951.

Homem e Sociedade na Teoria Política de Jean-Jacques Rousseau. Introdução e revisão de Oliveiros S. Ferreira, São Paulo, EDUSP, Martins, 1968.

Tomás Antonio Gonzaga e o Direito Natural. Introdução, revisão e notas de Oliveiros S. Ferreira, São Paulo, EDUSP, Martins, 1968.

O Barroco Mineiro (1969). 4ª. ed., apresentação de Rodrigo M. F. de Andrade e Francisco Iglésias, São Paulo, Perspectiva, 1991.

Marques Neto, José Castilho. **Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

Martinière, G. **Aspects de la coopération franco-brésilienne.** Paris, 1982.

Martins Rodrigues, Leôncio. "O PCB: os dirigentes e a organização", **História Geral da Civilização Brasileira.** Boris Fausto (org.), São Paulo, Difel, 1981, tomo III, vol.3, pp.361-443.

Martins, Luís. **Um Bom Sujeito.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

Massi, Fernanda Peixoto. **Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo.** Dissertação de mestrado, Dep. de Antropologia, UNICAMP, 1991.

"Franceses e Norte-Americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)", **História das Ciências Sociais no Brasil.** Sergio Miceli (org.), São Paulo, Vértice, IDESP, 1989, vol.1, pp.410-459.

Maugüe, Jean. **Les Dents Agacées.** Paris, Buchet/Chastel, 1982.

Mauss, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas", **Sociologia e Antropologia.** São Paulo, EPU, EDUSP, 1974, vol. 1, pp.37-184.

Mello e Souza, Gilda de. "Week-End com Teresinha" (conto), **Clima.** São Paulo, nº 1, maio de 1941, pp.76-101.

"Armando e o macaco" (conto), **Clima.** São Paulo, nº7, dezembro de 1941, pp.89-95.

"Rosa Passada" (conto), **Clima.** São Paulo, nº 12, abril de 1943, pp.79-86.

O Tupi e o Alaúde: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo, Duas Cidades, 1979.

Exercícios de Leitura. São Paulo, Duas Cidades, 1980.

O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Mello e Souza, José Inácio de. **Paulo Emílio no Paraíso 1930-1940**. São Paulo, mimeo, 1993.

Mello e Souza, Laura. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

Mendes, Murilo. "Ruben Navarra", **Jornal de Arte**. Campina Grande, Edições da Comissão Cultural do Município, 1966, pp.25-31.

Menezes, Adélia Bezerra de. **A Obra Crítica de Álvaro Lins e sua função histórica**. Petrópolis, Vozes, 1979.

Miceli, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1979.

"Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sérgio Miceli (org.), São Paulo, Vértice, IDESP, 1989, vol.1, pp.72-110.

Milliet, Sérgio. "A Novíssima", **Clima**. São Paulo, nº 3, agosto de 1941, pp.135-137.

Arte e Polêmica. Curitiba, Guaíra, 1942.

Diário Crítico (1943). 2a. ed. São Paulo, Martins, EDUSP, 1981, vol.I.

Diário Crítico (1945). 2a ed. São Paulo, Martins, EDUSP, 1981, vol. III.

Navarra, Ruben. "Iniciação à Pintura Brasileira Contemporânea", **Revista Acadêmica**. Rio de Janeiro, nº 65, abril de 1945, pp.[illegible].

Jornal de Arte. Campina Grande, Edições da Comissão Cultural do Município, 1966.

Neme, Mário. (org.) **Plataforma da Nova Geração**. Porto Alegre, Globo, 1945.

Peirano, Mariza. **The Anthropology of Anthropology: the brazilian case**. Tese de doutorado, Harvard, 1981.

"O pluralismo de Antonio Candido", **Série Antropologia**. Dep. de Antropologia da UNB, nº 58, 1987.

Pontes, Heloisa "Retratos do Brasil", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sérgio Miceli (org.), São Paulo, Vértice, IDESP, 1989, vol.1, pp.359-409.

"Brasil com Z: a produção sobre o país, editada aqui, sob a forma de livro, entre 1930 e 1988", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sérgio Miceli (org.), São Paulo, Editora Sumaré, FAPESP, 1995, vol.2, pp.441-477.

Prado, Antonio Arnoni "Anotador à Margem", **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**.

Maria Angela D'Incao & Eloisa F. Scarabôtolo (orgs.), São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp.135-141.

Prado, Décio de Almeida. **Apresentação do Teatro Moderno: crítica teatral (1947-1955)**. São Paulo, Martins, 1956.

Teatro em Progresso: crítica teatral (1955-1964). São Paulo, Martins, 1964.

João Caetano: o ator, o empresário e o repertório. São Paulo, Perspectiva, EDUSP, 1972.

Exercício Findo: crítica teatral (1964-1968). São Paulo, Perspectiva, 1987.

O Teatro Brasileiro Moderno: 1930-1980. São Paulo, Perspectiva, EDUSP, 1988.

Peças, Pessoas, Personagens: o teatro brasileiro de Procópio Ferreira a Cacilda Becker. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Pritchard, E. Evans. **Os Nuer**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

Ringer, Fritz. **The Decline of The German Mandarins: the german academic community, 1890-1930**. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1969.

Fields of Knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920. Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme; Cambridge, Cambridge University Press; 1992.

Rubino, Silvana. **As Fachadas da História: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968**. Dissertação de Mestrado, Dep.de Antropologia, UNICAMP, 1991.

"Clube de pesquisadores: a Sociedade de Etnologia e Folclore e a Sociedade de Sociologia", **História das Ciências Sociais no Brasil**. Sérgio Miceli (org.), São Paulo, Editora Sumaré, FAPESP, 1995, vol. 2, pp. 479-521.

Sachs, Sonia. "Antonio Candido: uma bibliografia", **Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido**. Maria Angela D'Incao & Eloisa F. Scarabôtolo (orgs.), São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp.330-363.

Schorske, Carl. **Viena Fin-de-Siècle. Política e Cultura**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

Schwarcz, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Schwartzman, Simon et alli. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

SCHWARZ, Roberto. "Originalidade da crítica de Antonio Candido". **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, nº 32, março de 1992, pp.[illegible].

TAVARES, Zulmira Ribeiro. "O antes e o depois". **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente**. Carlos Calil & Maria Teresa Machado (orgs). São Paulo, Brasiliense, EMBRAFILME, 1986, pp.179-186.

TRINDADE, Hélgio. "Integralismo: Teoria e Praxis Política nos anos 30". **História da Civilização Brasileira**. Boris Fausto (org.). São Paulo, Difel, 1981, tomo III, vol.3, pp.297-335.

WEBER, Max. "Sociología de la comunidad religiosa (sociología de la religión)". **Economía y Sociedad**. México, Fondo de Cultura Económica, 1984, pp.328-492.

WILLIAMS, Raymond. "The Bloomsbury Fraction", **Problems in Materialism and Culture**. Londres, Verso Editions, 1982, pp. [illegible]

XAVIER, Ismail. "A Estratégia do Crítico", **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente**. Carlos Calil & Maria Teresa Machado (orgs.). São Paulo, Brasiliense, EMBRAFILME, 1986, pp.[illegible].

ZANINI, Walter. **A arte no Brasil nas Décadas de 1930-40: o Grupo Santa Helena**. São Paulo, Nobel, EDUSP, 1991.

III. Obras de Referência

ABREU, Alzira Alves & BELOCH, Israel (orgs.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, 1930-1983**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária; FGV/CPDOC/FINEP, 1984, 4 vols.

ANDRADE, [illegible] & [illegible], [illegible] (orgs.). **Dissertações e Teses defendidas na FFLCH, USP: 1939-1977**. São Paulo, FFLCH, USP, 1977.

DIONYSOS. Número especial sobre o Teatro Brasileiro de Comédia. Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Artes Cênicas, nº 25, 1980.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1979, vol. VII (1933-1960).

MELO, Luís Correia de. **Dicionário de Autores Paulistas**. São Paulo, Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

Menezes, Raimundo de. Dicionário Literário Brasileiro. Apresentação de Antonio Candido, 2ª. ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.

Moraes, Rubens Borba de & Berrien, William (orgs.). Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, Editora Souza, 1949.

Weinhardt, Marilene. O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo (1956-67). Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1987, 2 vols.

SBD / FFLCH / USP
SEÇÃO DE
2757g
VALOR
DATA
TOMBO 118757
SBD/FFLCH/USP